ANNO XXVIII
NUM. 1.398

O MALHO

Preço para todo o Brasil 1$000

Rio de Janeiro, 29 de Junho de 1929

PELOS COFRES MUNICIPAES

PRADO — Não, minha senhora, não. Agora sou eu.

Depois de uma alegre noitada—
depois de ter bebido e fumado em excesso, amanheceu com dôr de cabeça, mal estar e depressão.
Ah, como o alliviaram, então, devolvendo-lhe as forças, o bem estar e a alegria, dois comprimidos da nobre e excellente
CAFIASPIRINA
BAYER
CAFIASPIRINA
Incomparavel, tambem, contra as dôres de cabeça em geral; dôres de dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, rheumatismo, etc.
Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.
"a minha melhor companheira"!

O Malho

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: OSWALDO DE SOUZA E SILVA

Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$000; 6 mezes, 25$000; — Estrangeiro: 1 anno, 85$000; 3 mezes, 45$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5402. Escriptorio: Norte, 5818. Annuncios: Norte, 6131. Officinas: Villa, 6247.

Succursal em São Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, 27, 8° andar, salas 86 e 87.

A L B E R T   L O N D R E S

Nos primeiros mezes do seculo, no terceiro andar de uma velha casa em Lyon, habitava um adolescente que fazia versos. O poeta morava num desses quartos que é preferivel olhar com os olhos da mocidade. Consolava-se romanticamente de não saciar a sua fome todos os dias, bebendo todas as noites mais do que era necessario. Era muito assiduo ao trabalho nos mais enfumaçados "cabarets" da cidade.

Cabello crespo, o queixo com uma pennugem precoce, o olhar terno, languido, quasi oriental, elle tinha o encanto de um joven Christo que era, então, o traço distinctivo das esperanças literarias. Amava as mulheres e não lhe faltavam, apesar de andar sempre sem dinheiro. Isto passava-se no tempo antigo, em que o amor só aos velhos custava caro. Seus poemas...

Com tudo isto, seus poemas resentiam-se um pouco. Quem os lesse hoje, achar-lhes-hia um perfume de "boudoir à poufs" e de beijos dados através do véu, em carros, que os menores de trinta annos só conhecerão por ouvir dizer. Aliás, elle dava aos seus trabalhos lyricos a mesma importancia que a qualquer outro genero de literatura. Era pouco. Pois elle nada lia. Absolutamente nada — que os horarios de trens. Chamava-se Jacques Couzy. Não havia rimador tão ignorado, nem mesmo nos cenaculos os mais desconhecidos... Seus unicos leitores e admiradores eram dois companheiros vestidos de preto, que pareciam com elle como se fossem irmãos (o mais velho chamava-se Charles Dullin), que partilhavam de seus trabalhos e cuja reputação valia a sua.

Agora, esse joven (que já não o é tanto assim), esse "Jacques Couzy", chama-se Albert Londres. E' celebre no mundo inteiro. Hoje, porém ,como hontem, elle nada lê, absolutamente nada — que os horarios de trens.

Albert Londres, primeiro reporter do "Petit Parisien", *fez tres vezes a volta do mundo: uma vez no sentido* do comprimento, uma no da largura e a outra em diagonal. Acho que elle é, com Paul Morand, um dos poucos francezes, que sabem o que estão dizendo quando, dando sua opinião sobre o mundo, declaram que, afinal de contas, "elle não é assim tão grande"... Coisa admiravel, e que dá razão a esses dois viajantes, igualmente enthusiastas e experientes, é que acabaram por se encontrar durante uma excursão. Devia acontecer. Foi no verão passado, numa floresta virgem, entre "Quadagoudou", e "Tombouchou". Para ver negros, elles percorriam dez mil leguas, sob um sol de derreter pedras, — isto numa época em que basta ir a "Montmartre" para cheirar as pelles mais negras do mundo.

Albert Londres queria, além disso, observar alguns desses brancos que levam e mantêm sob as bananeiras, os beneficios da civilisação. O resultado foi um inquerito que, certamente ,nada tem do estylo de Bernardin de Saint-Pierre. Como era de esperar, esses artigos africanos fizeram um barulho de todos os diabos. Reunidos hoje em volume ("Terre d'ébène"), com alguns ineditos, provocavam o reconhecimento da administração colonial. Eis Londres collocado sobre o alto e vigilante periscopio do mais extenso dos nossos ministros... Teremos occasião, breve sem duvida, de ler juntos esse magnifico trabalho. Digamos desde já que o grande e talentoso reporter do "Bagne", de "Biribi", e do "Chemin de Buenos-Aires" não perdeu o seu tempo, nem o dos seus leitores...

Acho que de todos os meus antigos companheiros, Albert Londres foi o unico que realizou os sonhos da sua mocidade. "Partir"... "Départs", "Bava l'Africain", "Marins", não se trata de outra coisa, no theatro e nos livros que da moderna "nostalgia de viajar". Mas quantos fecham realmente a malinha das grandes explorações? Quantos? Aquelles sómente que partem pelo prazer de partir, e não crêm noutras alegrias a não ser nas de ver.

— Repare seus olhos, dizia-me um dia E. J. Bois, o grande capitão dos reporters francezes... Elle é só olhos, este diabo de Albert! Não é verdade?...

E' verdade. Londres vive para olhar. O mundo visivel é a sua fortuna. A unica. Só tem essa e não deseja outra. Ha quinze annos que não se conhece, por assim dizer, domicilio algum. Não possue moveis, roupas, papeis — nem livros, principalmente! Não os compra nunca e os seus collegas ficariam bastante atrapalhados para lhe enviar os seus...

E' espantoso e sem exemplo, que não haja em Paris, *cincoenta pessôas que se possam gabar de conhecer o jornalista* mais celebre do seu tempo. Albert Londres não *é visivel* nem na sociedade, nem nas corridas, nem nos ensaios geraes, nem alhures — pela unica e simples razão que não está em parte alguma.

Onde?

Perguntam no seu jornal. Responderão que não sabem.

Nunca vi pessoa mais despreoccupada, mais livre de preconceitos, mais desdenhosa de qualquer vaidade. Possue a liberdade da existencia e a franqueza que só a renuncia a toda ambição banal póde dar. Os homens fazem-no rir. E as conderações! Acreditem si quizerem, mas bastava-lhe abaixar-se para apanhal-as. Mas elle nunca se abaixa; póde perder um bello panorama...

— A vida é bella, diz elle.

E, rindo, põe os cabellos para traz com um gesto de que tem o monopolio.

Assim, mais livre que o ar (que agora tem as ondas

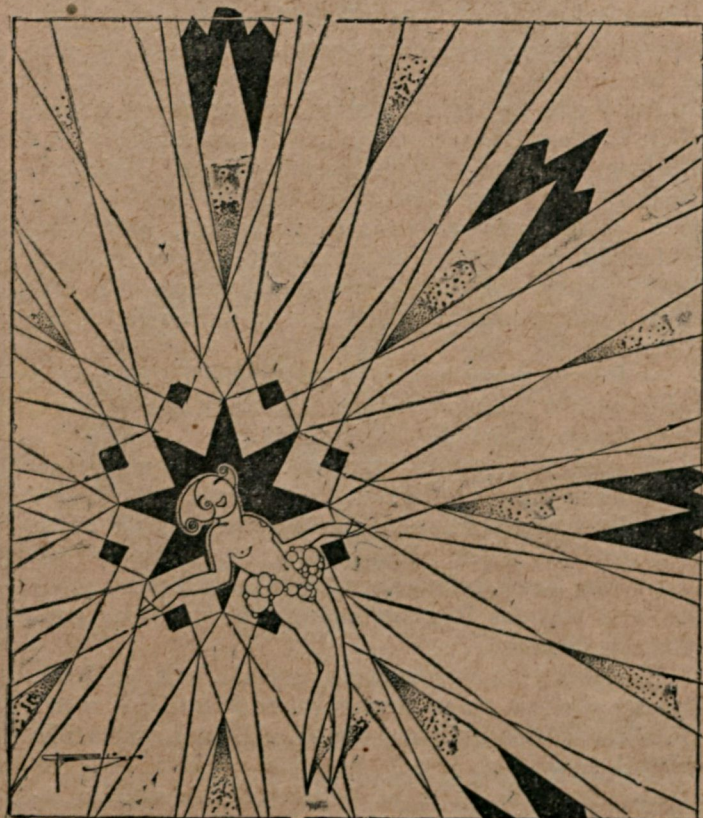
como algemas), Albert Londres percorre o universo, com o seu passo dançante, seu grande chapéo bellicoso sobre a orelha, seu cachimbo na bocca.

— A vida é bella!

Nada lhe causa espanto, nem temor. Durante a guerra, viram-no percorrer com o seu famoso e incansavel olhar os lugares os mais infectos. Hoje, elle vae pela grande feira do mundo, com o mesmo passo, sem bagagens, a barba ao vento.

Onde estará elle hoje? Quem o sabe? Em Pekin, em New-York, em Jerusalem, no polo Norte?

Pára sómente para pensar nos que lhe são caros. Porque esse "distrahido" é o mais fiel e mais seguro dos companheiros. Voltaria da lua para auxiliar seus amigos. Elle pára e torna a partir, vagabundo dos oceanos, bohemio dos tropicos. Contempla as miserias e os crimes dos homens com o mesmo olhar de faiança clara que vinte annos de viagens não conseguiram obscurecer. Homem feliz! Poeta querido! Ultimo romantico! Sorri ás mulheres. Julga-se em 1830....

HENRI BÉRAND.

Miniatura da original capa que J. Carlos apresenta em "Para todos...", de hoje

O Pharol!!!
A segurança com que os navegantes,
graças á projecção luminosa dos pharóes,
evitam os rochedos, equivale ao allivio
que os arthriticos, os gottosos,
e os rheumaticos encontram no
uso periodico dos comprimidos
de Lytophan, o poderoso e
inoffensivo eliminador
do acido urico.

Na ante-camara do Necroterio

ESPECIAL PARA "O MALHO"

Hospital de São Sebastião. Na moldura cinzenta da tarde, rorejada pela neblina, a paizagem que se desdobra aos meus pés parece uma tecla bucolica de exposição passadista. Aguas tranquillas, abrindo claros dentro dos campos verdes. Casinholas coloridas debruçando-se á beira-mar ou penduradas sobre barrancos escarpados. Barcos parados collados á superficie da bahia. Trechos fugitivos da cidade. E entre arvores, o perfil de Manguinhos, avultando como um velho castello medieval, dentro da paizagem remansada. Do Hospital de S. Sebastião vê-se tudo isso, sem precisar ir a uma exposição de telas de Baptista da Costa.

Entrada franca. Emquanto sobe as escadarias que levam ao pavilhão Affonso Penna que fica mais longe, mais no alto do morro, a gente vae descobrindo a actividade daquella colmeia humana, onde os pedreiros e os carpinteiros levantam, sob as vistas dos constructores, novos pavilhões em cada canto. Pelo caminho, encontram-se homens de avental, caminhões carregados de barro, enfermeiras e avistam-se vultos macillentos, olhando a tarde cinzenta de neblina, com essa vaga e melancolica somnolencia dos convalescentes.

Pavilhão Affonso Penna, isolamento dos doentes de febre amarella: uma casa branca, de portas de téla miuda de arame, hermeticamente fechada, entre arvores, dominando a Ponta do Cajú.

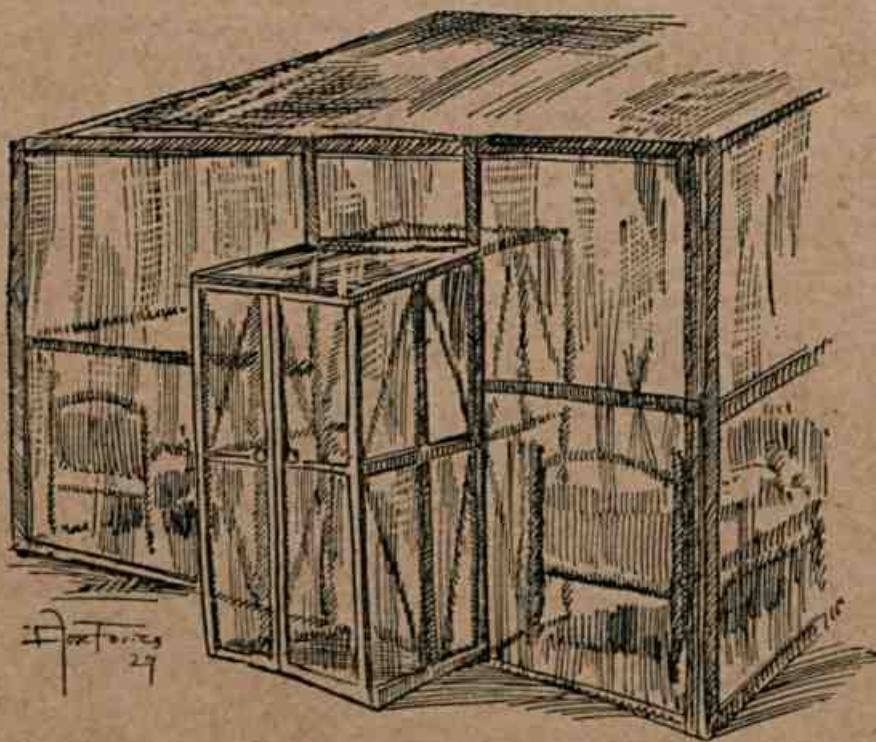
Empurrei a porta com um vago receio. Tinha o presentimento de que ia ver quadros dolorosos — os ultimos quadros dolorosos provocados pela febre amarella. Na pequena sala branca, ha uma enfermeira ao telephone, um ou dois convalescentes entre pessoas amigas. Acerco-me de uma mesa, cheia de papeis. Attende-me uma forma branca e esguia. Perfil de monja: gestos mansos, mãos finas, um rosto melancolico e tranquillo de "esposa do Senhor", uma vozinha mansa de criança:

— Sou d'"O Malho", minha senhora. Desejo colher algumas impressões para uma reportagem. Poderia ser?

Attende-me com delicadeza, e emquanto me serve de "cicerone", explica-me: Esta sala ao lado tem os ultimos convalescentes; alguns casos confirmados, outros não. Aguardam, apenas, a ordem de alta para se irem. Aqui, ao lado, era a sala das mulheres. Então: é uma grande sala, cheia de camas vasias. Silenciosa. Branca.

* * *

A enfermeira subtil e pequena, com o seu arzinho de noviça, leva-me, sem fazer ruido, ao primeiro andar.

Empurra a porta com precauções. A porta tem a fórma de um ascensor — de um ascensor de téla fina e miuda. Chama-se tambor. Abre-se de um lado e entra-se como se entrasse para um gabinete de telephone. E só depois de ter fechado a porta pela qual se entrou, é que se empurra a outra que communica com o departamento onde estão os doentes. E' impossivel passar uma corrente de ar, atravez dessas portas, mantidas hermeticamente fechadas, graças a um systema simples e intelligente de pesos e cordeis. Um dos departamentos está inteiramente vasio. O outro tem alguns homens: dois em observação, um convalescente. Um delles, ainda em observação, estrangeiro, internou-se por sua espontanea vontade. Sentindo-se mal, teve mêdo que fosse febre amarella e para prevenir qualquer coisa, veiu internar-se.

O dormitorio dos amarellentos

Diante dos quartos vasios, não pude deixar de lembrar-me da ultima vez que lá estivera, já no declinio da epidemia. Havia tres amarellentos. Dois estavam numa somnolencia apathica, quietos, sem outro movimento que o dos olhos lividos. Lembra-me que procurei, nelles, inutilmente, o horror da molestia, o traço da sua passagem devastadora. E conclui que a febre amarella não abate muito o organismo. O terceiro dos amarellentos tinha um ar febril, o rosto incendiado, os olhos brilhantes. Do nariz, corria-lhe sangue que manchava um guardanapo que lhe estava a roda do pescoço. Olhava em roda, como um louco, com aquelles olhos esbraseados. Mas não ouvi

IMPRESSÕES DO PAVILHÃO AFFONSO PENNA PARA ONDE IAM AS VICTIMAS DO "STEGOMYA FASCIATA"

POR LEÃO PADILHA

gemido em parte alguma. Era aquelle silencio de agora, este silencio que os passos subtis da nossa guia faziam mais solemne.

Ella me leva ao laboratorio e, depois, ao quarto de admissão. Fica, no primeiro andar, no departamento á esquerda de quem sóbe pela escada ou pelo elevador. E' apenas, um quarto pequeno, todo branco, com uma cama, e duas mesinhas, uma das quaes tem em cima aberto, um grande guardanapo.

A enfermeira explica:

— O doente, ao ser trazido para o Hospital, já vem com uma guia da Saude Publica, contendo nome, residencia, naturalidade, etc. Esta fica lá em baixo, naquella mesa que se vê á entrada. Aqui, elle é examinado. Tiram-lhe a roupa que é embrulhada no guardanapo que está sobre esta mesa e enviada para a estufa. Sobre o guardanapo, escreve-se o nome do internado, para identificar os objectos que lhe pertencem e que ficam em deposito. Tudo é convenientemente desinfectado. Nessa mesinha ahi, o medico regista, diariamente, o movimento do Hospital.

— Muitos obitos?

— Agora, não. Felizmente, a epidemia passou. Quando eu entrei para o serviço deste pavilhão, foi no mez de março, quando a febre amarella teve maior intensidade. Então, havia dois, tres e ás vezes até mais obitos, por dia.

— E quando occorria o obito, o cadaver demorava muito tempo aqui?

— Era immediatamente removido.

— E quanto ao pessoal que trabalha no Pavilhão?

— Dezesete enfermeiras. Não sei o numero exacto de medicos. Ha, ainda, varios serventes. O director é o Dr. Synval Lins.

— E a enfermeira-chefe?

— Maria Pamphyrio.

— Já que a senhora tem sido tão delicada comnosco, póde dizer-nos o seu nome?

— Maria Pamphyrio.

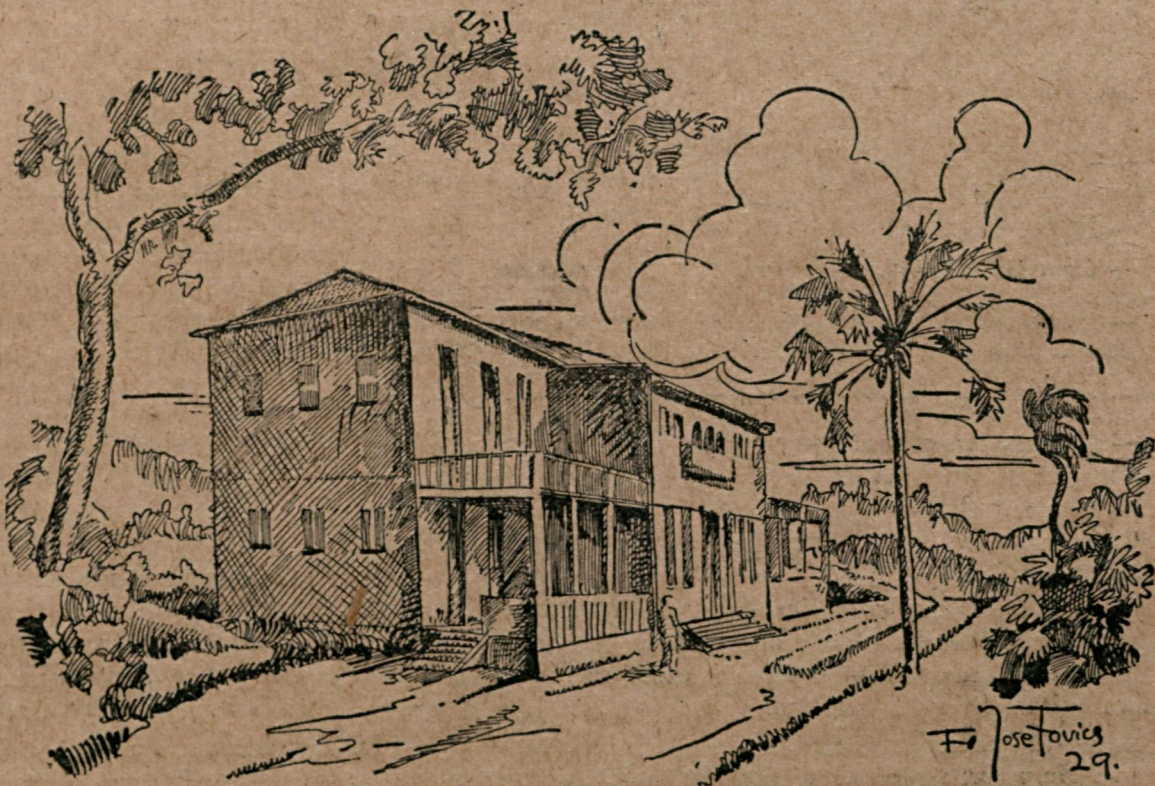
Não acertei dizer outra coisa, senão exclamar, estupidamente:

— Tão moça!

* * *

Descemos, novamente. Embaixo, uma enfermeira procurava entender-se com dois estrangeiros, entregando-lhes os objectos. Tinha passado a neblina e elles se iam retirar. No registo estava escripto: nacionalidade polaca.

O desenhista que ia illustrar a reportagem, interpellou um delles:

— Spracht Deutsch?

O hospital de São Sebastião, visto por Josefovics

Sim: falavam allemão. Eram immigrantes. Haviam desembarcado, havia 4 semanas. Trabalharam uns quinze dias, quando cahiram com febre. Dados como suspeitos, vieram para o Hospital de S. Sebastião e ali estiveram duas semanas. O diagnostico não fôra confirmado. Um delles tirou a receita do bolso, passada pelo medico: quinino.

São loquazes. Falaram com enthusiasmo dos hospitaes da Europa. Aquillo é que são hospitaes! Estão certos de que lá se teriam curado muito mais depressa, porque os remedios são muito melhores e os medicos verdadeiras summidades. E' a unica queixa que têm a formular. O mais não: as enfermeiras trataram-nos com delicadeza. Dispõem-se a sahir. Reclamam o dinheiro que traziam.

Entre amigos do alheio

— Caramba! Dinheiro "á bessa"! "Me" explique, homem...

— Não te conto, "cabôco". Depois da corrida dos bancos, toda a gente guarda dinhero em casa. Uma sôpa!

— Quanto era o seu? — pergunta a enfermeira encarregada do deposito.

— Sete mil réis.

E o seu?

— Nada.

E saem satisfeitos, cumprimentando á esquerda e á direita, para tentar a grande aventura da conquista da fortuna na America — satisfeitos como se levassem os bolsos cheios de dinheiro.

Antes de partir, tambem, eu me dirijo á enfermeira-chefe, aquella que tem o perfil tranquillo, a voz mansa e o gesto silencioso de uma freira — e faço-lhe uma ultima pergunta?

— Que é que vem em maior numero: homens ou mulheres?

— Homens. Muito mais. Na maioria estrangeiros.

* * *

Quiz ouvir alguem que tivesse tido febre amarella e que não estivesse mais sob a vista da Saude Publica. E fui, uma noite, ouvir o allemão Walter Kiffmann, em um bar da rua da Lapa.

Um bar como todos os bars de allemães, onde uns homens louros fumam, bebem *chopp*, cantam, e conversam nos intervallos da orchestra. A orchestra typica desses *chopps* allemães: um violino, um piano, um violoncello. Walter Kiffmann é o violinista — um rapaz fino de feições delicadas, de boa educação. E' immigrante: fala difficilmente o portuguez e defende o pão, heroicamente, tocando valsas austriacas e tangos argentinos, emquanto espera a opportunidade para realizar obra mais util e lucrativa.

— As minhas impressões da doença são bastante confusas — diz-me elle —. Lembro-me, perfeitamente que no dia 31 de março não acordei bem. Sentia uma terrivel dor de cabeça e um mal estar geral. Ainda assim, vim tocar á noite. Mas a certa altura, senti-me tão mal que fui obrigado a recolher-me. Um medico compatricio que me veiu ver, manifestando as suas suspeitas sobre o caso, notificou a Saude Publica. Sei que me puzeram dentro da ambulancia, mas não me lembro disso senão muito vagamente. Eu tinha uma vaga consciencia do meu estado: não podia fixar o pensamento em coisa alguma. Durante uns tres dias, levei nesta apathia. Ouvia gente gemer a meu lado. Percebi, uma vez, que um dei[illegible]xer e que o transportavam numa especie de padiola, coberto por um lençol branco, para fóra. Depois, levaram-me para outro quarto maior. Alli é que comecei a reviver. Tinha tres companheiros: dois portuguezes e um brasileiro. Mas eu me achava num estado tal de abatimento, de somnolencia e desinteresse, que não saberia dizer quantos morreram. Percebia que, em torno de mim, falleciam homens, diariamente, mas isso se fazia tão silenciosamente e era tão rapido o transporte, que não me sentia chocado.

Devo dizer-lhe que nunca esperei que o Hospital de S. Sebastião fosse o que é: suppunha-o uma casa de horrores e torturas. Em vez disso, encontrei uma casa de tanta ordem e asseio e de serviço organizado tão intelligentemente, que os doentes não soffrem o menor constrangimento e se sentem perfeitamente á vontade. Pelo menos, foi o que se deu commigo. E creio que é o que se dá com todo mundo.

— E a sua impressão sobre a molestia?

— Já disse: lembro-me de um dia de grande dôr de cabeça e de tres dias de somnolencia, durante os quaes só uma coisa me incommodava: os vomitos. O resto foi a convalescencia.

— ?...

— Internei-me a 31 de março e sahi a 7 de abril. Estava um tanto fraco, mas no dia seguinte, compareci ao trabalho.

* * *

E ahi está como eu vi e o que eu ouvi do Pavilhão Affonso Penna, do Hospital de São Sebastião, por onde passaram quasi todos os amarellentos da cidade.

AÇUDE ORÓS

A SÊCCA NO CEARA'

(O Sr. Mattos Peixoto, que não conhecendo o seu logar, estava secco para ser o vice-presidente da Republica, voltou completamente desilludido.)

Fritz

— Então? O Mattos Peixoto terá arranjado um meio de encher o nosso açude?
— Quá o quê, Mané. Esse home não consegue nada: elle quer carregá agua em jacá...

HISTORIA ANTIGA

A ti, meu unico amor

Um cordeirinho está bebendo agua num regato. Mais acima, um lobo, notando-o, se approxima furioso, dizendo:

— Para que estás turbando a agua que estou bebendo?

O CORDEIRO: — Eu, senhor?

O LOBO: — Sim.

O CORDEIRO: — Mas como pode ser isso, se vós, senhor lobo, estaes em cima e eu cá em baixo?

O LOBO: — Pois se a não turbaes agora, turbaste-a o anno passado...

O CORDEIRO: — Mas, oh senhor lobo. Eu não chego a ter um anno de edade. Como pode ser isso?

O LOBO: — Pois se não foste tu, foi teu pae...

O CORDEIRO: — (fugindo): — Ora deixe-se disso: Isso não é seu. E' do La Fontaine.

J. C. Dias.

NO BERÇO DOS "POTYGUARAS"

A uma legua, da cidade de Lages, para o oeste, ergue-se procurando attingir o infinito, o Gigantesco Phantasma, de uma das lendarias Pyramides do Egypto.

Circumdada de Mattas Virgens, e habitada por sucuris, rapozas, maracajás e onças, inspira, na calada da noite, aos povoadores da vizinhança, um grande terror.

E' a "CABUGY", a mais alta serra do nordeste.

Henrique Maia.
Vaqueiro do Rio Grande do Norte.

Como resolver a crise de habitação

Uma idéa digna de todo apoio

Pela relevancia do assumpto que versa, o chamado "projecto Salles Filho" está inscripto entre os que mais se impõem á consideração e, pois, á approvação do Congresso Nacional. Visando uma solução legal, definitiva, do problema da habitação, cuja complexidade, mais apparente do que real, vem promovendo, ha tempos, medidas varias, não raro contraditorias, aquelle deputado carioca elaborou um trabalho amplo, em absoluta correspondencia com a extensão da materia. Na verdade, não se reduz ao inquilinato, essa momentosa questão que ha tanto tempo vem angustiando a população da capital da Republica e que na expressão *crise de habitação* já se encontra classicamente consagrada. O tempo, melhor que quaesquer outros argumentos, vem demonstrando o erro daquella visão unilateral, que culminou na famigerada *lei do inquilinato*. E' bem de ver que correspondendo legitimamente aos direitos e necessidades que a materia envolve, tal lei não seria revogada, perdurando como perduram, ainda, as maiores razões da sua decretação. Verificou-se, ao contrario, o verdadeiro paradoxo de uma lei embaraçosa, originaria, ella mesma, de contratempos, muitas vezes ruinosos, para os seus pretensos beneficiarios. Calcada sobre um exclusivismo anti-juridico, a *lei do inquilinato* discrepava do Codigo Civil, que, como se sabe, no que concerne a habitação, não vê apenas o inquilino... A sua revogação, portanto, embora a generosidade patente das suas intenções, sobreveiu naturalmente, para se dizer juridicamente. Desapparecida, porém, a *lei do inquilinato* não era de seguir-se, como conclusão logica, o desamparo da collectividade, que hoje, como hontem, vive flagellada pela mesma crise que ella pretendeu sanar. Deu-se, em rigor, a remoção de um estorvo, no caminho da boa vontade e intelligencia dos habilitados a estudar e combater o mal. Reposto no seu estado virgem, primitivo, o problema da habitação tornava, assim, ao terreno das discussões, no mesmo desafio anterior á capacidade dos nossos dirigentes.

O Deputado Salles Filho, autor do projecto que resolve a crise de habitação

O projecto Salles Filho, procedendo de uma excellente comprehensão simultanea do facto e do momento, vale, incontestavelmente, pelo melhor trabalho no genero, podendo garantir-se de ante-mão, os seus melhores resultados. E' um projecto de lei que attende a todos os aspectos da questão, salvando-se, assim, as generosas pretenções da *lei do inquilinato* por isso que o exorna todo o espirito desta, ultrapassando-a, juridicamente, por forma a se enquadrar no Codigo Civil, o que em verdade não succedia áquella.

Não se trata de uma lei de emergencia, donde se encontrar, de começo, a coberto de editos revogativos. De resto, a profunda significação e o vulto do problema fixado no projecto do deputado Salles Filho estão, como estiveram sempre, a exigir medidas legaes de caracter permanente, impostas, logo á primeira vista, pelo meio mesmo em que têm de ser applicadas. Mal lembradas, sem duvida nenhuma, disposições administrativas, concernentes á habitação numa metropole como o Rio de Janeiro, cujo desenvolvimento augmenta cada dia, tornando-se mais difficil de ser apreendido.

Jogando com todos os elementos do problema da habitação, o projecto Salles Filho fere de frente, e mortalmente, a crise correlata. As circumstancias crearam, indiscutivelmente, uma politica de habitação, de certo qualquer coisa differente

de politica de inquilinato, ou de inquilinos... O momentoso projecto de lei é uma luminosa pagina dessa politica, conservadora no seu mais alto e nobre sentido. Por elle aufere o inquilino as maiores garantias, ao mesmo tempo que se resguardam todos os direitos legitimos da propriedade.

Mas o titulo primacial de benemerencia democratica desse projecto reside no seu intuito de estimular a construcção. Suggerindo e expondo medidas financeiras as mais praticas, o deputado Salles Filho tornou o seu trabalho um ritual da politica da habitação, no que concerne á construcção em grande escala. A transcripção, a proposito, dos artigos 1° e 4°, do projecto em questão, esclarecerá o leitor sufficientemente.

"Art. 1° — E' creado, sob o titulo de "Commissão de Habitação", o orgão nacional de construcção de casas baratas, e de predios divididos em apartamentos.

§ 1° — A commissão será composta de cinco membros, designados pelo Poder Executivo, e exercerá as funcções de direcção, fomento e fiscalisação, que institue a presente lei.

§ 2° — A venda dos apartamentos obedecerá ao regimen commum da alienação de immoveis, salvo modificações de interesse geral dos coproprietarios previstas em regulamentação.

Art. 4° — A commissão venderá a preço de custo e por sorteio as casas que construir, exclusivamente a operarios, jornaleiros, empregados e funccionarios publicos, com familia, que, devidamente se inscreverem e cujos antecedentes de bôa conducta e salarios, ordenados ou vencimentos, sejam comprovados, nunca podendo exceder da renda annual de 18:000$000, prevista no artigo 3°".

Cumpre dizer que o artigo 3°, acima referido, synthetisa o apreciavel espirito democratico do projecto. Na sua letra *a* resa esse artigo que as casas, divididas ou não em apartamentos, são *destinadas a ser vendidas ou alugadas a operarios, jornaleiros, empregados de pequeno ordenado e funccionarios e empregados publicos que percebam vencimentos annuaes não excedentes de* 18:000$000.

E' sabido que a Argentina já se não queixa tanto da crise de habitação. E, com o correr do tempo, lá terão de cessar todas as queixas a respeito. E' que, sobre o assumpto, estão em vigor na terra de Irigoyen leis que não são de emergencia, mas resultantes naturaes da gravidade e extensão do problema da habitação. Inspirado, que foi, na legislação argentina, o projecto Salles Filho está gloriosamente destinado — lei que seja — á invejavel consagração de bençams collectivas, oriundas do mesmo enthusiasmo com que, no Prata, as classes menos favorecidas da fortuna têm sabido agradecer a operosidade intelligente e patriotica dos seus legisladores.

A circumstancia, toda eventual, de militar o deputado Salles Filho em campo politico diverso do em que viceja o "governismo", decerto não comprometterá o triumpho do seu projecto, cuja significação e opportunidade estão a exigir a sua immediata transformação em lei.

O IMPERIO DA MODA

A moda não limita seu imperio ao vestuario, aos moveis ou a outros adornos do lar. Vae até á alma; ás devoções do povo.

Outr'ora o mez de Junho era dedicado aos tres grandes vultos do "Flos-Sanctorum" catholico: Santo Antonio, São João e São Pedro, assim como o mez de Maio era consagrado a Na. Senhora, á Virgem da Concelção.

Hoje "estão na moda" outros Santos ou Santas a quem o povo presta um fervoroso culto.

Antigamente, durante o mez de Maio, em muitas casas se faziam os piedosos exercicios mariannos deante de improvisado altar, e com canticos acompanhados a piano, flautas, violinos, etc.

No ultimo dia, do encerramento, havia ladainha com acompanhamento de orchestra, lauta ceia e, ás vezes, dansas que eram, aliás, muito diversas das de hoje, por serem aquellas ceri moniosas, decentes...

No mez de Junho só havia uns dois ou tres dias de descanso, que eram o 24, 25 e 30 pois do dia 1° ao dia 13 rezavam-se ou se cantavam as trezenas de Santo Antonio; do dia 14 ao dia 23 eram as novenas de São João, e do dia 26 a 29 o triduo de São Pedro.

Havia familias que gastavam bom dinheiro com essas devoções, sendo citadas as trezentas da casa do Sr. Antonico, o mez marianno da familia Neiva, etc.

Pelo menos lá no norte, na cidade do recife, era assim ha uns trinta annos ou quarenta annos passados.

Hoje... tudo isto está... fóra da moda".

As moças se reunem para cantar... "fox-trots" e tangos argentinos em hespanhol macarronico...

Para isso de devoções não têm mais tempo, pois estão sempre acompanhando um film de aventuras em serie, ou numa serie de aventuras cinematographicas, e não podem perder uma sessão...

A moda não limitou seu dominio ás exterioridades dos chapéos, vestidos e calçados; foi ao intimo das almas, e de lá desthronou os velhos Santos que se veneravam no mez de Junho, substituindo-os por outros.

O povo foi sempre, ainda é, e será, por toda a vida, uma grande criança!...

Rio—6—1929.

M. MAIA.

THEATROS

EM CONTINUAÇÃO

Sobre a chronica publicada no numero passado, os nossos collegas do "Jornal do Brasil", allegando falta de espaço, pediram agasalho nas nossas columnas para a carta que a seguir estampamos, conservando a orig.nal orthographia que veste seus profundos conceitos:

"Illmo. Sr. Redactor Theatral do "Jornal do Brasil". peçolhe caso seja possivel a publicação d'estas Linhas:

eu fui hoje domingo (2) assistir á matinée da companhia Margarida Max não por ver Guerra, mas por apreciar de bisu as tão proclamadas innovações entroduzidas pella empreza na Revista em escena. hora muito bem. Effectivamente, eu vi. vi, mais não foi vem uma Revista. no meu parecer, que não tenho a honrra de ser critico, vi uma das costumeiras "chanchadas" de tão celebrizada firma Liquidadora de emprezas. áfóra um ou outro numero aproveitavel, áliás sem originalidade, denóta a mesma procedencia: antes, metia-se os pés no Brasil a favor do portugues, agôra pára bariar um pouco, inberten-se os papeis. A celebrizada fabrica, estancou a sua Originalidade, que emfelizmente nunca teve: eu, que como ve escrêvo mal o Pôrtugues e não tenho cultura de especia alguma, áfóra esse senão, apresentolhe Quando quiserem uma Revista prôpriamente dita Jenuinamente Brasileira Orijinalmente minha, e sem recorrer a Remendos velhos, nem a Peças de outros autores que pella sua ingenuidade, — ficaram no archivo da Companhia Quando esta se achava no "João Caetano" aliás pessimamente modificados, nem Recorrerei a proçessos Rediculos, que Jámais a sociedade culta aceitará:

Quanto á musica, assisti aos devates por essa Colunna dos senhores, felipe messina, J. Thomas e sem ver primeiro, (si bem que desde Logo apoiasse o ponto de vista do Senhor messina, não quis me manifestar, Sobre essa baboseira provin ente da miopia culturalmente Artistica, dos actuaes emprezarios do chamado Theatro Ligeiro:

O Juizo que eu desde lôgo fis, é o mesmo que este senhor disse em duas palabras. Os Revisteiros Sem Idéa nem talento proprio, porque este não se adquire! nasce Jerado dentro do cerebro, para depois desenbolver-se, conforme a cultura a seguir! (isto, digo eu) Lançam mão de todos os Recursos a seu alcançe para poder ludibriar o publ.co e os emprezarios: estes Gastão Somas colossaes para satisfazer os seus caprichos, e depois, adeus publico: aguerra váe acabar depressa, o publico váe deixar em paz o Theatro! o publico, — quer theatro porque paga — pára ver Theatro; e não ver cantar Sâmbas imferiores a os que se vê no mafuá do enjenho de dentro: isso que ahi se vê não é mais Theatro, é cumolo da Bagunça!! quereis ter Theatro com publico? appresentae Arte Theatral!

O que eu mas me admirei foi que o tal "Maestro" do Jazz dirije casi toda a musica cometendo rratas enormes, com o verdadeiro maestro sentado ao Ládo, só entregando a este a direcção em numeros muitos deminutos. isto é os que Elle nem o seu jazz enxerga nada:vom, mais isto, não vem a o caso. elles, não tem a minima culpa, e ate peço licença para Elujia-los. São Brasileiros, e como isso não fasem mais do que cumprir o lima da nossa bandeira. Progresso, é que todo o homem deve almejar e por isso mesmo viva a "Burrosbisca"!—Oh! diavo, mas isto não é Brasileiro. Vom, mas isto é doença nacional como a fêbre amarella. Brasileiro pára ser vom, á de vir do estrangeiro: muito vem! está certo:

isto, cára Redactor, não quer dizer que eu, tenha Qualquer animosidade com esta ou aquella empreza, ou pessôa. não?! o mesmo conceito faço da de "Guerra ao mosquito", como faço da "Laranja da China". que de peça theatral appenas tem o Nome de seu co autor, fálo assim, porque o Senhor Olegario Mariano, tem alguns quadros nella. os outros pertencem a palitos, Lidia campos, e Aracy. como vê, sou imparcial não, sou Critico, não tenho que respeitar amisades nem camaradagens façam Theátro, vão, beber Ideias na Cascatinha para ter Inspiração pôde sêr que a natureza que lha negou no berço, tenha penna de vôs agôra:

Primitivo Vasque."

Tem toda a razão o literato Primitivo que de theatral só tem o sobrenome — Vasques, isso de rebistographos são todos uns vurros!

MARI NONI

(A felicidade, a grande felicidade, consiste tão sómente, na esperança do dia de amanhã...)

Elle vivia ingenuamente venturoso dentro do seu grande sonho de felicidade .E por mais que a fome lhe batesse á porta e as suas roupas apregoassem, pela voz dos remendos, a miseria que o cercava, a saude lhe emprestava ao rosto a mascara da ventura...

Um dia, a sorte o procurou e a fortuna sorriu-lhe, carinhosa... As noites de delirio e de prazer transformaram-n'o, breve em outro homem: já não era o mesmo, o seu sorriso; já não tinha o seu rosto aquella antiga apparencia de saude e bem estar... Sulcos negros e profundos pareciam querer tragar-lhe os olhos que choravam, silenciosos do fundo das orbitas, — dois abysmos a que os lançára o vicio... — E já não eram, tambem, os mesmos olhos que outr'ora a miseria revestiu de um brilho estranho.

Dois annos se passaram.

Envelhecido prematuramente, o ancião agonisava quando, um dia, o ultimo de sua existencia nesta vida, pediu aos que o cercavam que lhe fizessem o ultimo desejo. E falou:

— "Dêem-me as roupas velhas que estão guardadas na canastra grande... Quero vestil-as... Não julgam bastante o meu supplicio?! Deixem que eu tenha, ao menos na morte, a illusão de que me vou, venturoso como outr'ora..."

Vestiu-se. E era de vêr a alegria de seu rosto pallido e mirado... Dir-se-ia uma creança enferma que convalescia... Alisava os remendos da roupa, apertava o ventre murcho para ter a illusão de que sentia fome e balbuciava como outr'ora: "Deus é grande... amanhã teremos pão, e, talvez, (quem sabe?) novas roupas..."

E ria... Riu muito... Riu eternamente, porque a morte o surprehendeu nesse extase!...

ALVES JUNIOR.

TRABALHADORES AGRICOLAS

Telegramma de Fortaleza noticia que mutios emigrantes cearenses se acham em S. Paulo em situação precaria e afflictiva, manifestando desejos de regressarem á terra natal.

A situação desse nordestinos, attrahidos pelas vantagens fallazes de agenciadores inescrupulosos de trabalhadores agricolas, não constitue nenhuma novidade. Ella se repete quasi annualmente, e desde que o paiz, em 1888, passou bruscamente para o regimen do braço livre.

Os que se interessam pelas nossas cousas ruraes sabem, de ha muito, ser aquella a consequencia primaria e principal da desorganização da nossa economia agricola.

Os governos, federal e estaduaes, é que não quizeram ainda tomar conhecimento de facto tão importante para o desenvolvimento e estabilidade das riquezas nacionaes. Contrariamente, teriam elles já resolvido problema de tal monta, procurando acabar com a desigualdade chocante existente entre trabalhadores de determinadas regiões em comparação com os de outras do paiz.

Accusamos o procedmiento dos governo de S. Paulo, Rio Grande do Sul e outros Estados sulistas que encaminham para suas terras levas e mais levas de immograntes estrangeiros? De nenhum modo.

O nosso reparo é aos governos do norte, só preoccupados com as vergonheiras da politicagem, emquanto as riquezas naturaes da terra se desperdiçam umas e vivem inaproveitadas outras. Falta de braços, falta de estimulo, falta de instrucção, falta de governo!

Os Estados do sul, alguns, estão resolvendo, cada dia melhormente, a crise decorrente da brusca extinção do trabalho servil, por appellos constantes aos immigrantes europeus. Os Estados do norte, na sua quasi totalicade, mais escravisados tornam os seus trabalhadores, abandonando-os á hostilidade do meio, á ignorancia, ao desespero de qualquer auxilio dos poderes publicos.

Vem a proposito, neste commentario ás aperturas de sempre dos emigrantes cearenses, lembrar a recente estada no Rio do presidente do Ceará. Chegou aqui o Sr. Mattos Peixoto confessando á imprensa as mais honestas intenções de sua visita á Capital da Republica: conseguir do Sr. Washington Luis dinheiro para o açude de Orós e o porto de Fortaleza.

Se estes dois trabalhos fossem executados, certo que os cearenses deixariam de correr o Brasil, de extremo norte a extremo sul, á cata de trabalho melhor remunerado que no seu proprio Estado.

Mas, infelizmente, o Sr. Mattos Peixoto regressou a penates sem nada revelar do que conseguira. Dos seus arranjos, ficou-se sabendo apenas os que dizem respeito aos interesses da politicagem bocotisados pela proxima renovação da Camara e do terço do Senado.

O SULFATO DE FERRO NAS INDUSTRIAS RURAES

São da Sociedade Brasileira de Agricultura, pelos seu technico consultor E. S., os preciosos conselhos abaixo sobre o emprego do sulfato de ferro na veterinaria e na agricultura:

"O sulfato de ferro é realmente um producto precioso nas mãos do homem do campo pelos seus multiplos empregos.

Na veterinaria elle tem larga applicação como desinfectante, embora se deva reconhecer que seu poder antiseptico é muito fraco, sendo nestes casos preferivel o uso da creolina.

Entretanto quando se deseja lançar um antiseptico sobre o estrume do gado deve-se preferir o sulfato de ferro, porque fixando o ammoniaco que se desenvolve nas defecções forma compostos azotados inodores que enriquecem o estrume de azoto, que de outra forma se perderia.

Na medicina veterinaria o sulfato de ferro se emprega internamente contra a anemia, porque augmenta os globulos vermelhos, na cachexia dos carneiros, no meteorismo. O sulfato de ferro se decompõe no estomago dos animaes em presença das albuminoides e do acido chlorhydrico, transformando-se em parte em chlorefo de ferro assimilavel e assim se emprega hoje em substituição do carbonato de ferro e dos saes organicos: oxalatos, citratos glycerophosphatos etc. Internamente se associa aos arsenicaes, aos laxativos e aos amargos não tannicos. Não se deve no emtanto exaggerar as doses, pois pode provocar um envenenamento; quando assim não acontece determina diarrhéa que fazem emmagrecer o animal (R. Cerbeland). O sulfato de ferro é contra-indicado nos estados febris, perturbações do coração e na tuberculose.

Eis as doses therapeuticas:

Bovinos — 3 grs. a 10 grs.

Bezerros — 1 gramma a 3 grs.

Cavallos — 2 grs. a 8 grs.

Poldro, jumento, burro — 1 gramma a 3 grs.

Porco, carneiro, cabra — 50 centigrs. a 2 grs.

Cão de talhe médio — 2 centigrs. a 10 centrigrs.

Cão pequeno e gato — 1 cent. a centgrs.

Para as aves é preferivel o emprego do oxalato de ferro ou do subcarbonato de ferro.

Com o sulfato de ferro se prepara o sulfureto de ferro hydratado que é um antidoto seguro dos saes de ferro.

O sulfato de ferro ainda tem um emprego obrigatorio na prophylaxia dos prados humidos onde vivem as cercarias, as douves e outros parasitas prejudiciaes á saude do gado. A dose é de 400 a 500 kilos de sulfato de ferro por hectare.

Na agricultura propriamente dita o sulfato de ferro tem tambem uma larga applicação. E' elle o remedio classico contra os fungos, como a anthacnose das paneiras, a tuberculoso da parreira e da oliveira, a fumagina, o cancro; destróe a cuscuta de certas plantações, livra as arvores dos musgos e bicheiras, cicatriza e desinfecta-lhe as feridas e exerce incontestavel influencia sobre a vegetação dando novo vigor as plantas velhas.

As arvores anemicas e chloroticas são hoje tratadas com applicações externas de sulfato de cobre, quer ministrando a terra em que a planta vegeta quer pincelando os galhos, e, segundo S. Mokchelsxy, com injecções dos saes de ferro do tecido da planta. Com uma pua ou verruma abre-se no centro do tronco um furo do alto para baixo, com um orificio de uns 15 millimetros e ahi, se põem 10 a 15 grs. de sulfato de ferro em pó tapando depois o orificio com mastigue de enxertia.

Uma das grandes difficuldades de lidar com o sulfato de ferro é a com que elle se dissolve. Na Europa já existe o sulfato de ferro em forma cicrocrystallina (neve) o que facilita muito a sua solução."

PLANTAS ASSUCAREIRAS E ALCOOLICAS

Na edição passada fizemos ver como a extração de assucar do milho, bem como o fabrico do alcool, pode dar novo rumo á economia nacional, neutralizando mesmo, em grande parte, as negaças dos açambarcadores daquelle precioso producto.

Nem só o milho, porém, éalm da canna, produz assucar e alcool. Outras plantas existem conhecidas, entre os technicos, por plantas alcoolicas.

Sob essa denominação vão comprehendida as plantas que, embora sejam ricas de assucar, não se prestam para dellas se fazer a extracção dessa substancia e por isso se utilizam para por meio da fermentação, transformar o seu assucar em alcool.

Quasi todas as plantas contem assucar, mas poucas especies podem ser assim exploradas com fim economico.

As principaes especies que podem produzir alcool por meio da fermentação e que por isso são denominadas plantas alcoolicas, são as seguintes:

As bagas de uva que, pisadas e fermentadas, produzem o vinho, as laranjas e os abacaxis exprimidos e cujos caldos fermentam, produzindo os vinhos respectivos. O milho e o arroz, o tupynambá, o alnes, o sisal e muitas outras plantações podem

ser aproveitadas na producção do alcool.

O bagaço da beterraba, como o da canna, tambem se utiliza para delle se tirar certa porção de alcool.

CAUSAS CONTRARIAS A VEGETAÇÃO DO MILHO

De origem climaterica — Os accidentes de origem climaterica mais ou menos graves, a que está sujeito o milho durante sua vegetação, são os produzidos pelas geadas, pelos ventos fortes e granizo; contra as geadas é muito difficil precaver-se; os estragos causados pelas seccas podem attenuar-se em parte, fazendo uma profunda e esmerada preparação do terreno, effectuando as capinas necessarias para evitar a evaporação do sólo; os ventos e o granizo são impossiveis de evitar-se, porém, o agricultor, após uma forte ventania ou quéda de granizo, revistará a cultura, endireitando as plantas cahidas, chegando-lhes terra e calçando-as para evitar que as raizes fiquem descobertas.

De origem animal — Os inimigos mais temiveis que tem o milho são os insectos que atacam as plantas e os grãos. Em primeiro logar temos o gafanhoto; outros insectos que produzem grandes estragos é a Isoca (**Heliothis armiger**), cujas larvas de côr castanho-rosada, com pontos negros e que tem tres linhas dorsaes de côr pardacenta, se encontram em numero de tres ou quatro em cada espiga, causando prejuizos consideraveis; existe um pequeno coleoptero de côr amarella, chamado scientificamente **Astylus atiomaculatus**, que causa egualmente grandes estragos na época da fructificação; tambem origina prejuizos a minhoca branca, que se extingue, recolhendo os vermes em estado larvar.

De origem vegetal — Em primeiro logar figuram os abrólhos e as hervas más que invadem a plantação; entre as enfermidades criptoganicas é muito commum o carbunculo (**Ustilago maydis**) que ataca todas as partes da planta e origina deformações, transformando toda a espiga em uma massa negra pulverulenta, de cheiro desagradavel, devendo-se destruir pelo fogo as plantas atacadas para que não infectem as outras.

O ALGODÃO BRASILEIRO

Falando de cultura de algodão no Brasil, convem pôr de manifesto a admiração de um membro da missão ingleza que aqui esteve no anno passado, deante do rendimento e das facilidades dessa cultura no nosso paiz. Era esse um especialista em questões de algodão.

E realmente, poucos paizes, como este immenso Brasil, receberam da natureza tão lisonjeiros privilegios no tocante a algodão.

O famoso algodão do "mocó", Rio Grande do Norte, é considerado pela sua fibra longa e por outras excellencias, um verdadeiro phenomeno.

Entretanto, até hoje nada fizemos ainda no sentido de que a cultura do algodão nas nossas terras tivesse o desenvolvimento que essas condições naturaes tanto facilitam.

O nordeste, que é a zona productora de maior feracidade do algodão, continua a plantal-o e a colhel-o pelos mais primitivos processos. Emquanto isto, a nossa posição no mercado é pouco menos que vergonhosa, é insignificante.

A producção mundial de algodão está longe ainda de cobrir o seu consummo. E' esta, portanto, uma das muitas razões por que os governos estadoaes interessados no problema, em harmonia com o Ministerio da Agricultura, devem voltar para elle as suas vistas, traçando um plano de organização e desenvolvimento da industria do algodão no Brasil.

UMA LIVRARIA DE 3 ANDARES

POR WALTER PRESTES

Gosto de palestrar, de vez em quando, com o editor Saverio Fittipaldi.

Elle estabeleceu-se numa rua por onde nem todos transitam. Por ali não passam sorrisos de mulheres elegantes nem sapatos cobertos com polainas. A rua Lêdo, onde se occulta a Livraria João do Rio, é pisada por tamancos ou botinas grosseiras. E' uma rua humilde e honesta, apezar de já ter servido, noutros tempos, de escoadouro de deboche franco. Foi na época em que a cidade tinha o seu peor cancro em pleno coração.

A livraria do Sr. Saverio Fittipaldi tem duas portas. Uma só, porém, serve o publico. A outra foi transformada em vitrine, com uma têla de arame para resguardar os volumes expostos.

Entra-se com difficuldade. Os livros enchem a casa toda, empilhados nas prateleiras, no chão ou sobre caixões. São brochuras de capas multicôres e de aspecto suggestivo.

— Bôa tarde, senhor Saverio... Oh! Desculpe. Derrubei aqui uma pilha...

— Não faz mal — diz elle.

Curvo-me para apanhar os livros. Ao erguer-me, derrubo outros.

— Decididamente, não sei mover-me na sua casa!

— E' natural. Não se aborreça. Se eu negociasse com louça, sim...

* * *

Sento-me atraz do pequeno balcão. E' uma honra que só se concede aos intimos.

Lá no fundo, de costas para mim, está um rapaz alto e magro. Chama-se simplesmente, De Mattos. O Sr. Saverio descobriu-o no turbilhão da cidade e tomou-o como auxiliar. O joven é surdo, mas revela intelligencia e cultura. Escreve novellas populares, que chegam a edições de 30 milheiros. Lê livros de sciencia, vindos directamente das principaes livrarias de Paris, e discute pela imprensa problemas transcendentes. Ha tempos, interrogou se Einstein era scientista ou camelot. Apezar disso, De Mattos faz a escripta da casa e desempenha as funcções de dactylographo. Encarrega-se, tambem, de outros serviços da livraria.

Agora, neste momento, está escrevendo a machina. Como é surdo e não me vê, ainda não deu pela minha presença.

* * *

O Sr. Saverio Fittipaldi está de pé, deante de mim. Nunca o vejo sentado. Seu sorriso, que o tem sempre nos labios, revela-me um homem satisfeito comsigo mesmo. Fala e gesticula com prazer. E' um italiano joven, forte e alegre.

— Por que poz na livraria o nome de João do Rio? — pergunto-lhe.

— Porque o admiro. Fundei essa casa depois da morte do maior chronista brasileiro, em homenagem á sua gloriosa memoria.

— Conheceu-o pessoalmente?

O Sr. Saverio responde-me com uma exclamação.

— Escute — disse-me, depois.

E recorda:

— Desembarquei no Brasil, pela segunda vez, vindo da Italia, em janeiro de 1907. Contava apenas treze annos. Durante quatro annos, entreguei-me á arte de vender jornaes. Em 1911, aos 17, portanto, movido pelo impulso da propria vontade, tomei um professor para me ensinar a lingua portugueza e outras materias. Nos primeiros mezes, o Sr. Campos (este o nome do meu mestre) ia-me ensinando as principaes cousas que se conhecem nas escolas primarias, desde a arithmetica do professor Antonio Trajano até a geographia

do Dr. Joaquim Maria de Lacerda, de que decorei duas ou tres paginas. De 1912 em deante, não quiz mais saber de professores, por observar que elles se davam ares de grande importancia. Dediquei-me exclusivamente á leitura de artigos de jornaes, entre os quaes preferia os da "Gazeta de Noticias", porque era onde brilhava a penna do preclaro principe da chronica brasileira: João do Rio.

* * *

A palestra, nessa altura, é interrompida por um freguez. Era um estafeta dos Telegraphos, com o numero 507 na golla.

— Tem poesias de Guerra Junqueiro? — pergunta.

— Como não? — responde o Sr. Saverio Fittipaldi. Qual dellas?

— "O Melro".

Emquanto o livreiro procura um livro, o freguez palestra commigo. Era admirador de Junqueiro, como de Castro Alves, Casemiro de Abreu e Olavo Bilac. Depois que recebe o livro desejado, recita de cór quasi todo o "Melro" e a "Morte de D. João". Termina promettendo voltar, quando as finanças lhe permitissem, comprar um diccionario portuguez e um inglez.

* * *

Quando o entregador de telegrammas sae, o Sr. Saverio retoma o fio da narrativa.

— Certo dia, eu estava sentado sobre um parallelepipedo, na rua Tucuman, antiga Travessa do Theatro. Era vendedor de jornaes e tinha ao meu lado umas folhas empilhadas. Lia, no "O Paiz", um artigo do Sr. Carlos de Laet, sobre a religião catholica. Estava concentrado sobre um dos periodos, quando vejo um homem se approximar. Interrompi a leitura e levantei a cabeça, prompto para attendel-o. Elle trajava terno branco e chapéo de palha. Tirou o charuto da bocca e, abaixando-se, apanhou um jornal. Folheou-o distraidamente e encetou conversação commigo.

— Aqui o ponto é bom para vender jornaes? — interrogou.

— E' assim, nem dos melhores, nem dos peores.

— Qual é o jornal que tem mais sahida, por exemplo?

— Eu, nesse instante, se o interlocutor não me encara e eu não advinhasse um espirito de primeira grandeza, teria perdido a paciencia. Fui obrigado a dar-lhe, pelo instincto de obedecer a um superior, os esclarecimentos exactos da venda de cada jornal. Quando me referi á "Gazeta de Noticias", mencionei o nome do director e acabei dizendo:

— Se a "Gazeta" actualmente possue uma venda invejavel, deve tão sómente agradecer á penna laureada de João do Rio.

Nessa altura, aquelle homem, que mais parecia, pelo seu aspecto, um coronel duma centuria romana, estendeu-me a mão e disse:

— Até que emfim encontrei um vendedor de jornaes que me satisfez. Eu sou João do Rio.

Olhei-o cheio de admiração. Seu chapéo, pousando levemente na cabeça, estava um pouco inclinado para traz, como se estivesse a dizer: hei de ficar assim para que a fronte do meu dono possa receber directamente e archivar tudo que apparecer pela frente.

— Foi assim — prosegue o Sr. Saverio, que conheci o brilhante observador da "Alma encantadora das ruas" e o paciente investigador das "Religiões do Rio". Depois daquelle encontro, era sempre com infinito prazer que eu tirava o meu chapéo á passagem do grande João do Rio.

* * *

Agora, que eu já conheço alguma cousa bastante interessante da vida do livreiro popular, os freguezes não o deixam em paz. E' um homem que vem comprar um livro de historias para crianças, outro que deseja obter a "Arte de conquistar mulheres", ainda outro a pedir "As aventuras de Lampeão".

De subito, entra na livraria um menino louro e bem trajado. O cumprimento dirigido ao Sr. Saverio revela-me a intimidade que existe entre ambos.

O editor entrega-lhe algumas brochuras e diz:

— Nove mil réis.

O pequeno folheia-as, uma por uma.

— Não tem "A Força da Vontade", de Marden? E a "Cintura Fadada "e "A Italia Nova?" — pergunta.

São-lhe entregues mais tres volumes. Depois que o garoto sae, sobraçando os livros, o Sr. Saverio satisfaz-me a curiosidade:

— E' um menino intelligentissimo. Tem apenas treze annos e é filho de um advogado. Compra-me aqui os livros e, depois de lel-os, vende-os entre os collegas de escola, pelo dobro. Garanto-lhe que terá um futuro brilhante. Será, talvez, um director de Banco. Ficamos, ás vezes, a palestrar, e tenho observado o quanto vae aproveitando. Parece-me mais um homem do que uma creança.

— E' muito interessante essa sua casa — digo ao Sr. Saverio Fittipaldi. Quer permittir que escreva tudo quanto aqui ouvi hoje?

— Por favor! Não nos ponha nos jornaes!

— Mas, será uma propaganda...

— Ah! meu amigo! De que me poderá valer tal propaganda?

Desapparece o sorriso do original italiano. Torna-se grave e afasta-se. Quando volta, abre-me tres livros enormes deante dos olhos.

— Aqui estão inscriptas todas as livrarias do Brasil, que me pedem livros, desde o Acre até o Rio Grande do Sul. São centenas e mais centenas de cidades, e os meus folhetos vão a todas ellas. Nunca pensei em publicar sequer um annuncio. Para que?

Sinto que o livreiro popular fala com a maxima sinceridade.

Quando lhe pergunto se consente que eu mande photographar o seu estabelecimento, limita-se a dizer:

— Como acha que hei de querer tal photographia divulgada, se isto aqui é um velho pardieiro rastejante e acanhado e a "Livraria João do Rio", na gravura que acompanha os livros, para o interior brasileiro, é quasi um arranha-céo, com cinco largas portas de frente, marchise de vitraes e tres andares? Não! Não me ponha a perder!

O SURTO DE PROGRESSO DA ARCHITECTURA E ARTES AFFINS EM SÃO PAULO

Um numero especial da "Illustração Brasileira"

Diario da Noite, o brilhante jornal da capital paulista que se publica sob a direcção do nosso illustrado collega Oswaldo Chateaubriand, publicou em sua edição de 20 do corrente, sob os titulo e subtitulo acima, o seguinte:

"O director da Succursal da S. A. "O Malho" nesta Capital, Sr. Plinio Cavalcanti, está reunindo dados para a organização de um numero da *Illustração Brasileira* consagrado, especialmente, á architectura e á construcção em São Paulo.

Tratando-se de uma iniciativa interessante, achamos opportuno fazer com que os nossos leitores se inteirem melhor dessa iniciativa, que, em vista dos recursos graphicos da brilhante revista, poderá constituir um serviço inestimavel ao importantissimo ramo da nossa actividade.

O Sr. Plinio Cavalcanti satisfez o nosso interesse, dizendo:

— Ha mais de um anno, venho empenhando esforços e reunindo o necessario material afim de conseguir uma obra com certa feição artistica e que possa, em qualquer época, documentar o surto formidavel da metropole caféeira, sob um prisma tão empolgante.

Como bem sabe, taes emprehendimentos, porém, não podem prescindir de uma elaboração cuidadosa e paciente, pois, emquanto o jornal diario é manipulado na vertigem das 24 horas, as revistas illustradas no genero da *Illustração Brasileira* precisam de muito tempo para a organização de um numero.

De mais, estou tratando dessa edição nos vagares dos meus lazeres regulares, uma vez que a empreza que represento possue mais cinco revistas, levendo-se ainda attentar para a difficuldade de reunir os elementos indispensaveis, tarefa difficil, porquanto ha muita cousa ignorada, neste particular, em São Paulo, e que facilmente poderá ser omittida.

Espero que o numero especial da *Illustração*, cuja organização está bastante adeantada, possa revelar ao Brasil e ao estrangeiro o extraordinario surto constructivo e architectonico dessa legitima Chicago, em cujo ambito as casas brotam de fórma surprehendente, graças, sobretudo, á iniciativa privada que aqui é cada dia mais audaciosa.

As vantagens resultantes de um trabalho desta natureza são manifestas, pois não só elle fará ver aos outros Estados o gosto que preside ao progresso de São Paulo, como servirá para mostrar ao estrangeiro o florescimento, entre nós, de certas industrias requintadas, como o mobiliario de luxo, a serralheria artistica, os tapetes, a ceramica decorativa, a floricultura, os vitraes, os azulejos e tantas outras só cultivadas pelos povos adeantados.

Graças á orientação impressa á propaganda do Brasil no exterior, pelo ministro Octavio Mangabeira, as revistas nacionaes são actualmente encontradas a bordo dos transatlanticos, nas legações, bibliothecas, camaras de commercio, e em todos os logares onde possam ser apreciadas.

O jornalista Plinio Cavalcanti

(Desenho de Sergio Lima)

A *Illustração Brasileira*, que é, sem favor, a mais bella publicação que possuimos, tem prestado, neste sentido, um relevante serviço, em virtude de boa impressão que póde causar pela sua feitura impeccavel.

Ao lado da collaboração de profissionaes de renome, a nossa revista, em seu numero consagrado á architectura, revelará tambem muitos outros curiosos aspectos paulistas, publicará paginas literarias escolhidas e realçará, sobremodo, esse inexcedivel amôr que a mulher paulista tem pela sua casa, a ponto de transformal-a naquelle mesmo paraiso que constitue para o inglez o *sweet home*.

Pela bellissima reportagem photographica que já consegui de varios interiores paulistas, eu, que conheço todas as grandes cidades brasileiras, posso assegurar que, em nenhuma parte do paiz, se cuida com tanto carinho da casa como aqui.

Para maior prestigio do exemplar, conto com a collaboração dos distinctos architectos e profissionaes Dacio de Moraes, Heribaldo Siciliano, Anhaia Mello, Christiano das Neves, G. Warchavtchik, Ricardo Severo, Toledo Malta, Pinheiro Lima, Arthur Motta e outros nomes em evidencia.

Na parte artistica e literaria: Dona Olivia Guedes Penteado, D. Noemia Nascimento Gama, Affonso E. Taunay, Celso Antonio, Amadeu Amaral, Theodoro Braga, Ramiro de Almeida, Paim, Moacyr Chagas, Silveira Bueno, Basileu Garcia, Walter Barioni, João Felizardo, Norfini, J. G. Villin, Yan de Almeida Prado, Thomaz d'Alvim, Motta Filho, Sergio Lin, Felippe Dinucci e todos aquelles que me quizerem auxiliar em tão séria empreitada, na qual, sem esmorecer, estou pondo o melhor das minhas energias.

Como vê, o trabalho é custoso, demorado, principalmente porque pretendemos não fazer um album vulgar ou polyanthéa encomiastica. Queremos apresentar um serviço honesto, com propositos de utilidade e cunho artistico, capaz de interessar ás elites de São Paulo e Rio e a todos quantos vejam no numero especial de *Illustração* um dos mais fortes indices da vitalidade brasileira contemporanea."

O MALHO

NUM. 1.398 ⊞ ANNO XXVIII

RIO DE JANEIRO, 29 DE JUNHO DE 1929

O caso de São João Marcos no Céo

SÃO MARCOS — Afinal, o municipio tem o nosso nome. Eu acho que deviamos ser solidarios com elle.
SÃO JOÃO — Nunca! Nós seriamos summariamente demittidos do nosso logar de apostolo.

"MONTMARTRE" EM NEW-YORK

Um antro de "Selvagens"

Uma orgia simulada

Uma luta de apaches

Uma parte da decoração

Ao lado: um arremedo da "Carmen"

"Uma conspiração revolucionaria".

A porta do Studio do Ag. Lane com a typica legenda.

D. DOMINGOS DE SILOS SHELLORN, O. S. B.

Em cima: a cerimonia da sagração do novo abbade. Em baixo: D. Domingos de Silos Shellorn, O. S. B.

Decorreu na semana passada o dia da sagração do novo abbade de São Bento, em São Paulo, para o qual foi escolhido D. Domingos de Silos Shellorn.

D. Domingos é um dos monges mais moços da communidade, contando apenas 48 annos. Ardoroso admirador do Brasil e da sua mocidade estudantina, muito se dedicou ao ensino, leccionando Mathematica no curso Gymnasial do Gymnasio de S. Bento, de onde por varias vezes foi reitor e prefeito dos alumnos internos. A sua erudição era proporcional á sua modestia. Nunca teve um gesto de maldade para com os humildes, tendo sempre um sorriso bom para aquelles que se approximavam do auxilio benedictino.

Seu antecessor, D. Miguel Kruse, quando sadio ainda, indicava sempre para preencher sua vaga, o prior, que era então D. Domingos. Morto aquelle, foi logo depois de ter se procedido a cerimonia funebre, feita a eleição; estava escripto que D. Domingos era o nome que devia ser escolhido, e assim foi feito, sendo eleito incondicionalmente para a vaga de D. Miguel.

Communicado o Vaticano do occorrido, esperou-se então a confirmação do Papa. Trouxe-a a semana passada o Abbade Primaz da Ordem Benedictina e na presença dos Abbades de Olinda e São Salvador, do Arcebispo Metropolitano de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, de ordens seculares, representantes do Sr. Julio Prestes, Presidente do Estado e do Sr. Prefeito Pires do Rio, do alto clero, clero secular e de uma porção de fieis, foi D. Domingos sagrado. Foram padrinhos do bondoso D. Domingos os Drs. Adolpho Pinto e Affonso Taunay.

UM VERDADEIRO CLUB DE SUICIDAS

Especial para "O MALHO" por Walter Davenport.

O capitão Stanley Sheppard, do Exercito de Salvação, em Nova York, mostrou-me outro da uma carta que acabára de receber, com endereço ao Presbyterio e na qual o seu autor indagava apenas da saude do capitão "vermelho".

— Isto, nada vos diz, não é assim?

— Foi benevolo, em todo o caso.

— Hum! Ha muitos annos já que o não o vejo, mas seu gesto de agora parece-me trazer no fundo qualquer cousa do passado. Esta excellente creatura foi um dos primeiros membros do nosso Club de Suicidas.

O capitão Sheppard é conhecido pelo seu faro dramatico. Senti ah! que elle me diria algo de mais sobre esta "sui generis" sociedade, caso eu resistisse um pouco. Era mistér, porém, collocar o assumpto naturalmente. Convidou-nos, pois, a seguil-o e observar certos individuos a que falava, percorrendo as instituições do Exercito de Salvação, na decima quarta rua.

Durante a "tournée", tive occasião de notar que quatro homens apresentavam cicatrizes no pescoço. Um delles havia golpeado a garganta de uma orelha á outra. Outro perdera a orelha direita; tremera-lhe a mão quando procurava fazer saltar os miolos. Afinal, o quarto mancava, tendo ainda o rosto horrivelmente mutilado: lançara-se sob um trem. Alguns membros do nosso Club, havia-me dito o capitão. E accrescentou: outros estão trabalhando assiduamente. A maior parte delles não traz cicatrizes visiveis. Nós procuramos, sobretudo, conduzil-os á vida, antes que elles façam alguma tentativa de escapar-se-lhe. Os ensaios desse genero não dão resultado senão, aliás, raras vezes.

O Club dos Suicidas não é bem um club no sentido proprio do termo, com associados, direcção e séde. Não tem organização bem determinada, mas Red Sheppard é o chefe activo desse grupo. Não que elle se houvesse querido tambem suicidar, senão porque... Afinal, vejamos como elle chegou até ahi.

Uma noite, isto ha já alguns annos, num dos refugios do Exercito de Salvação, Sheppard presidia uma sessão das mais misturadas e falava em Deus. Sêres innumeraveis, verdadeiros farrapos humanos escutavam-no numa atmosphera humida e pesada de neve fundida.

O harmonium dava a nota alegre sobre a qual se cantava um hymno lugubre. E pelos bancos onde se alinhavam taes naufragos, os salvadores distribuiam café quente. Subito, entra um individuo de aspecto feroz, os labios em rictus e sem chapéo. Contempla a scena do alto dos seus andrajos, acceita uma taça de café, atirando-se sobre um banco. Sheppard julgou que se tratasse de uma dessas tragicas tentativas, porque o homem trazia nos olhos reflexos sinistros.

— Amigo, disse o capitão, estás aqui num recinto onde nos occupamos dos trabalhos dos outros. Posso servir-te nalguma cousa? Elle nada me respondeu. Depois articulou: — Quando me aquecer, irei...

A eterna historia... O tom de sua voz não era, entretanto, aquelle que geralmente se ouve nesses logares. Ainda havia educação no fundo trevoso desta alma, nos gestos desse viajor extenuado.

— Muito bem, disse o capitão. Não insisto. Não vos quero forçar a acceitar qualquer cousa, pois que nada tenho para vender. Mas se vaes longe, meu velho, come um pouco antes de partir. Falta-te um chapéo e um capote; espera alguns minutos.

— Não, replica o homem, não quero nada; além disso não vou longe. Cheguei quasi já ao fim da minha jornada. Depois, sois tão bom, que eu não vos quero dar incommodo. Vou-me embora...

— Será que emprehendes esta viagem com revólver?

— Em que vos póde isso interessar?

— Oh! nada; pergunto apenas por que se dá a tanto trabalho. Se não vaes longe, este local aqui é tão bom quanto outro nesse caso, sobretudo numa noite como esta. Falta-vos coragem?

Sheppard, naturalmente, estava prompto a intervir se o outro fizesse uso de alguma arma.

— Deve ser isto, replicou o estrangeiro. Estou desesperado, mas falta-me ainda um pouco de coragem. E não me resta outra cousa a fazer. Tudo perdi, inclusive o moral se foi tambem.

— Attenta no tempo que ora não contas. Interesso-me sinceramente por ti, mais do que o deveria, em se tratando de um cobarde. Não és porém commum. Pareces bem educado, instruido.

— Oxford... — respondeu o estrangeiro. Venho de Kant, na Inglaterra. O meu pae era reitor e eu mesmo pertenci ao clero. Admira-vos?

— Não, de nada me admiro. Mas comei um pouco antes, conversaremos depois.

Eram 10 horas, conversamos até meia-noite. Por essa altura Red Sheppard levantou-se:

(Termina na pagina n. 46)

GUEVARA

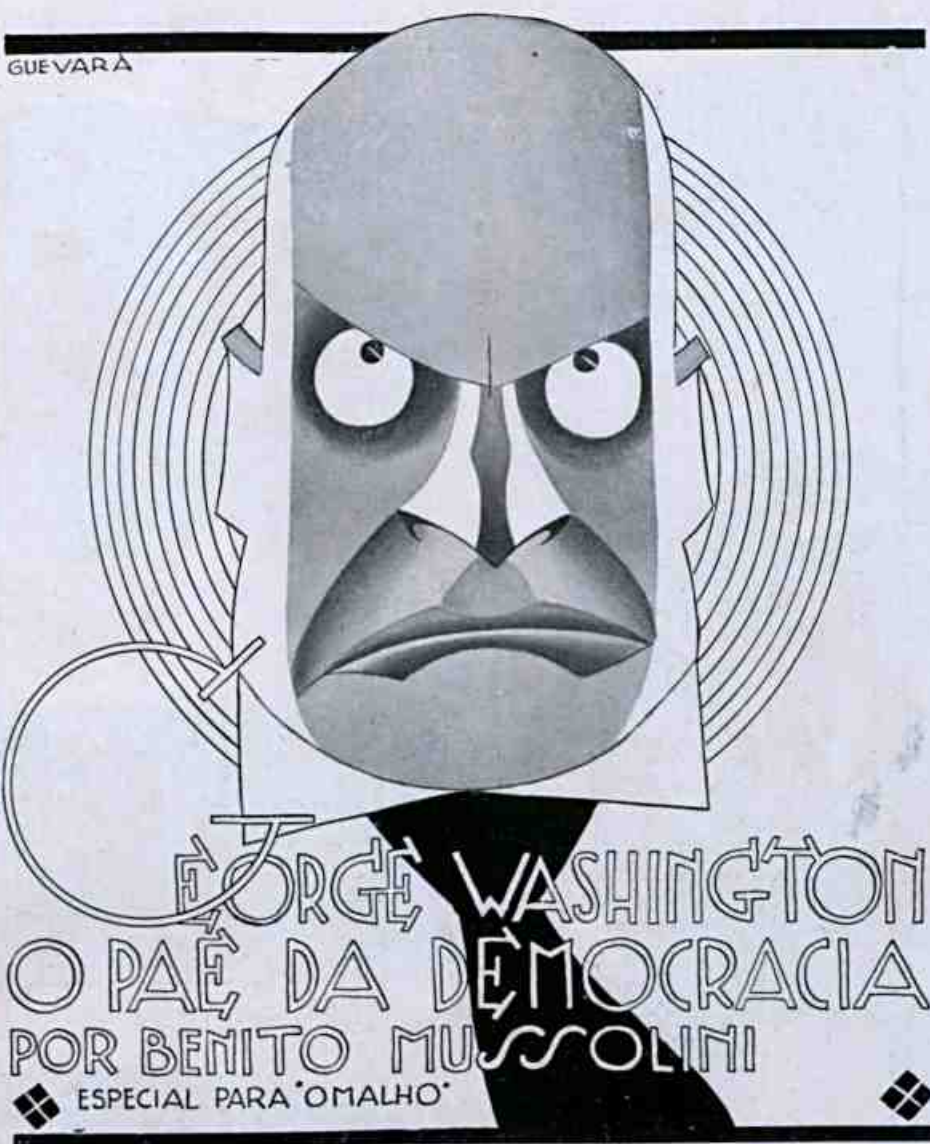
GEORGE WASHINGTON O PAE DA DEMOCRACIA

POR BENITO MUSSOLINI

ESPECIAL PARA "O MALHO"

Admiro em George Washington a personificação das virtudes humanas e das faculdades mentaes que constituem as caracteristicas da grande nação americana. Sua integridade, sua generosidade, sua perseverança nas provas, sua immensa energia, sua sabedoria combinada com um bom senso extremo, eis o que fazia a força moral do grande patriota. Por outro lado, seus dons intellectuaes, sua prodigiosa memoria, a escrupulosa attenção que elle dispensava ás menores cousas, explicam-lhe o genio methodico, a enorme capacidade, o lucido realismo no estudo dos problemas mais difficeis. Sua paciencia reflectida, faz-a delle, afinal, um homem de execução, um genio da acção digno da admiração de todos os povos. Era, com effeito, o prototypo dos capitães da industria da America moderna. Sua vida, como a de todos os que viveram unicamente para comprar ou vender alguma cousa, está cheia de ensinamentos edificantes á posteridade.

Incansavel nos esforços por fazer do povo americano uma verdadeira nação, a despeito das criticas acerbas, o que elle fez para salvaguardar quando considerava o verdadeiro interesse de seu paiz, ao preço da propria popularidade muitas vezes, toda a sua obra constitue um exemplo para a Italia de nossos dias, cujo grande escopo está precisamente em consolidar na consciencia do povo o ideal da unidade nacional, ha pouco conquistada, que devemos manter perante o mundo inteiro.

De mim confesso que não posso deixar de commover-me com a sua grandeza d'alma quando leio passagem como esta: "Os homens que fazem opposição a um governo firme e energico, são no meu entender, politicos de espirito estreito ou influenciados puramente por idéas particularistas. Os receios que exprimem de que o povo não acceite esta ou aquella fórmula, comquanto não confessados são, na verdade, a causa real de sua attitude. "A differença de conducta entre os amigos e os inimigos de um bom governo consiste em que os ultimos trabalham e distillam seus venenos, ao passo que os primeiros repousando em demasia sobre o julgamento e as boas disposições do povo, demoram a expôr suas convicções e negliciam quanto aos meios de os effectivar". Com isto traduzia elle o pensamento de como a lentidão no decidir as situações politicas difficeis, occasiona não só perda de tempo, mas compromette tambem todo o alcance de uma reforma util.

Os que lhe estudam a vida sabem tambem como seu espirito se povoou de apprehensões ante os ataques contra todo o governo energico e clarividente. Se o governo — escreve elle — e seus funccionarios devem estar continuamente expostos aos ataques dos jornaes, sem que estes procurem conhecer factos reaes ou motivos, torna-se impossivel, não importa, a que puder sustentar a barra do governo e guiar a machina do Estado.

No seu primeiro gabinete, de que faziam parte Thomas Gefferson e Alexandre Hamilton, as reuniões se tornavam de continuo tumultuarias. Neste sentido escreveu Washington a Pickering: "Não convidarei mais nenhum homem a occupar uma pasta de ministro, se as suas idéas politicas forem contrarias ás medidas que o governo promove". E este principio foi em seguida adoptado por todas as administrações que se seguiram nos Estados Unidos e é hoje admittido pelo partido fascista na Italia.

Existirá presentemente um só americano que ouse affirmar que os adversarios de Washington tinham razão quando escreviam: "Se alguma nação já foi amesquinhada por um só homem, esta foi a americana por Washington; se povo algum já decahiu, foi o americano sob o governo

(Termina na pagina n. 46)

Cuidando do saneamento do Brasil, do combate ás endemias e ao alcoolismo e do erguimento do indice eugenico das nossas populações, o Sr. Oscar Fontenelle, deputado pelo Estado do Rio, presta optimos serviços ao paiz. Aos seus projectos, um, punindo, como crime, a contaminação de doenças, e, outro, estabelecendo o ensino sexual nos gymnasios e corporações militares, temos, agora, a accrescentar o do combate á lepra. Continue sempre assim, caro senhor.

NA BAHIA

O Almirante Gomensoro entre o Capitão do Porto e o Commandante do "Bahia" por occasião da visita feita á capital bahiana.

Turma de guardas-marinha a bordo do "Bahia"

Na festa eucharistica religiosa no Mosteiro de S. Bento

No Consulado Britannico, durante a recepção em commemoração do anniversario de Jorge V

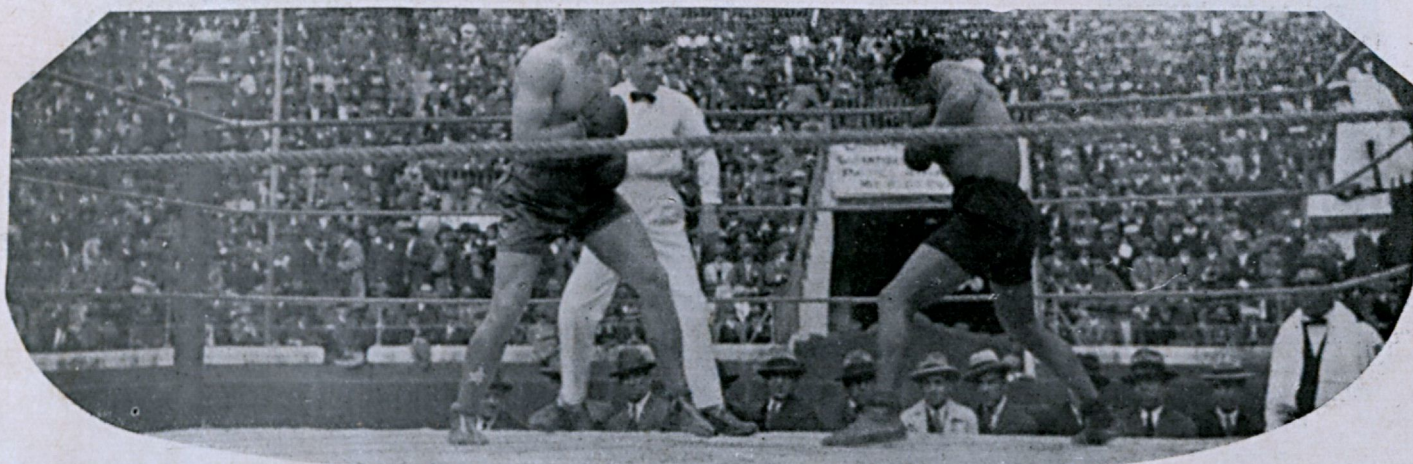
O Malho

EM PORTUGAL

Embarque para o Brasil, do Ceramista Pereira Ramos que viaja com fins industriaes

O Presidente da Republica a bordo do "Raleigh"

Homenagem a Columbano Bordalo Pinheiro

O Dr. Hamilton Barata é um confrade illustre e experimentado que, militando ha longos annos (como somos indiscretos!) na imprensa carioca, e conduzido por uma intelligencia inquieta e moderna, soube cercar o seu nome de bastante prestigio. A sua campanha nacionalista tinha, pois, como está acontecendo, de receber os applausos calorosos do jornalismo brasileiro.

O "az" portuguez, de box, José Santa lutando com Bappich, vencendo-o

A comitiva de D. Sebastião Leme junto ao monumento.

CHRISTO REDEMPTOR

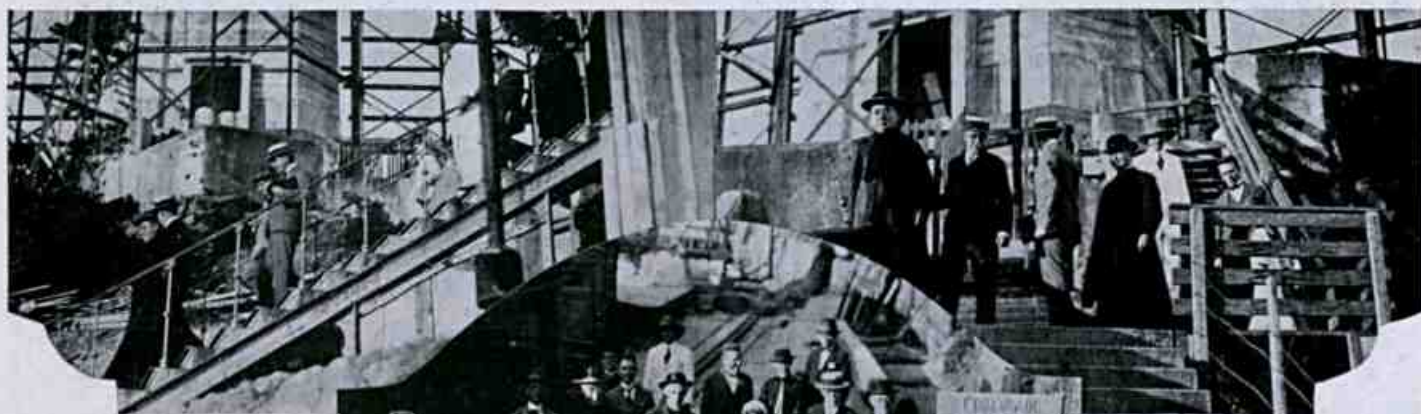
APPELLO

O Cardeal Arcebispo, o Arcebispo Coadjutor, o Vigario da Parochia e as Commissões Parochiaes, — confiantes na boa vontade e enthusiasmo com que toda a população desta cidade acolheu a idéa da erecção do Monumento ao Christo Redemptor e animados pela generosidade com que concorreu para a sua realisação, agora já bem adeantada, no Alto do Corcovado, — vêm de novo recorrer e pedir a V. Ex. não recuse a Nosso SENHOR e ao BRASIL mais uma contribuição sua e de cada pessôa de sua familia, para que não haja interrupção nem paralysação dos trabalhos, e em breve prazo, como esperam, conduzida seja a feliz termo essa obra grandiosa, verdadeiramente condigna da sua alta finalidade symbolica e da sumptuosidade incomparavel da nossa terra!

Por esse acto de generosidade christã, confessam-se agradecidos e rogam a Deus recompense a V. Ex. com toda a sorte de bençãos para a sua pessôa, Exma. familia e todos os que lhe são caros.

Rio de Janeiro, em Junho de 1929.

Pela Commissão Central Executiva—*Mons. Luiz Gonzaga do Carmo*, 1º vice-presidente.

Aspecto do monumento dentro do emaranhado dos andaimes.

D. Sebastião Leme descendo a escada do "Chapéo de Sol" do Corcovado.

Proximo a base do imponente monumento de N. S. Jesus Christo.

D. Sebastião Leme, Arcebispo-Coadjuctor, tendo a sua esquerda o Bispo D. Duarte, de São Paulo, depois da visita ao monumento do Christo Redemptor.

Parte da cabeça da grande estatua que culmina o conjuncto do monumento.

Grupo feito junto a um detalhe do bello monumento.

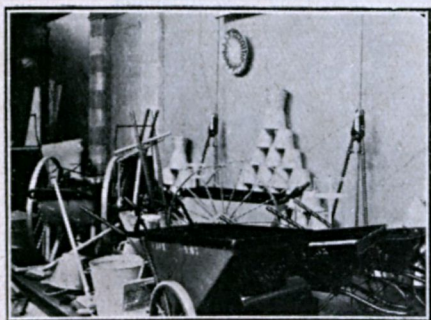
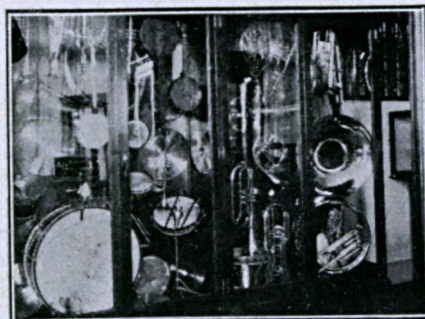
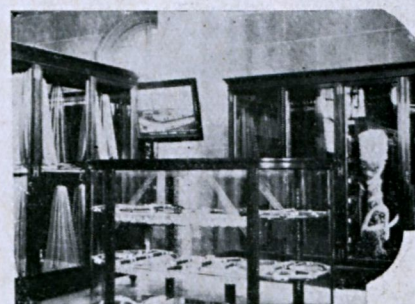
Um dos olhos da figura que é toda em cimento armado revestido de mosaico.

No grupo estão: D. Sebastião Leme, D. Duarte e autoridades.

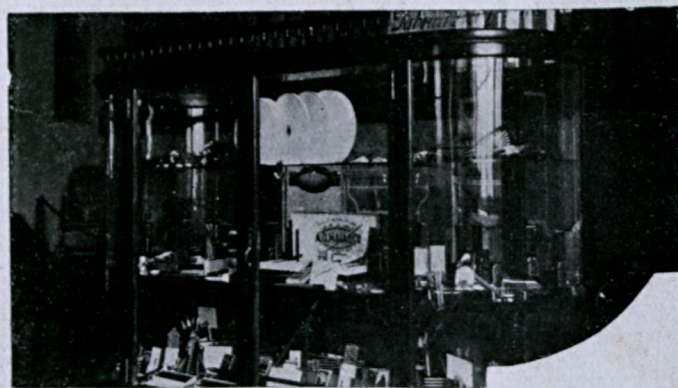
TAS, ATÉ AGORA CONHECI-
EXPOSTOS NO MUSEU AGRI-
DE SÃO PAULO

Officios de São Paulo, mas vendi-vindos de Signa.

Bombas, apparelhos electricos "procedentes" da Suissa.

Artefactos de borracha "recebidos" da Allemanha.

Pequena metallurgia "fabricada" na Suecia.

Instrumentos de musica "feitos" em Milão.

Rendas "de Bruxellas".

Mobiliario de papelão "tecido" em Berlim.

Crystaes coloridos "puro" Saint Lambert.

E lapis "de Nuremberg"

Artigos de sport "made in England".

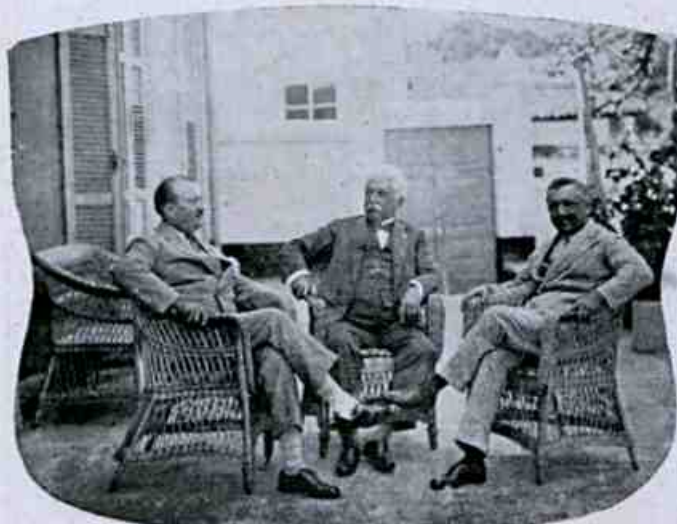
HOMENAGEM AO SENADOR VESPUCIO DE ABREU

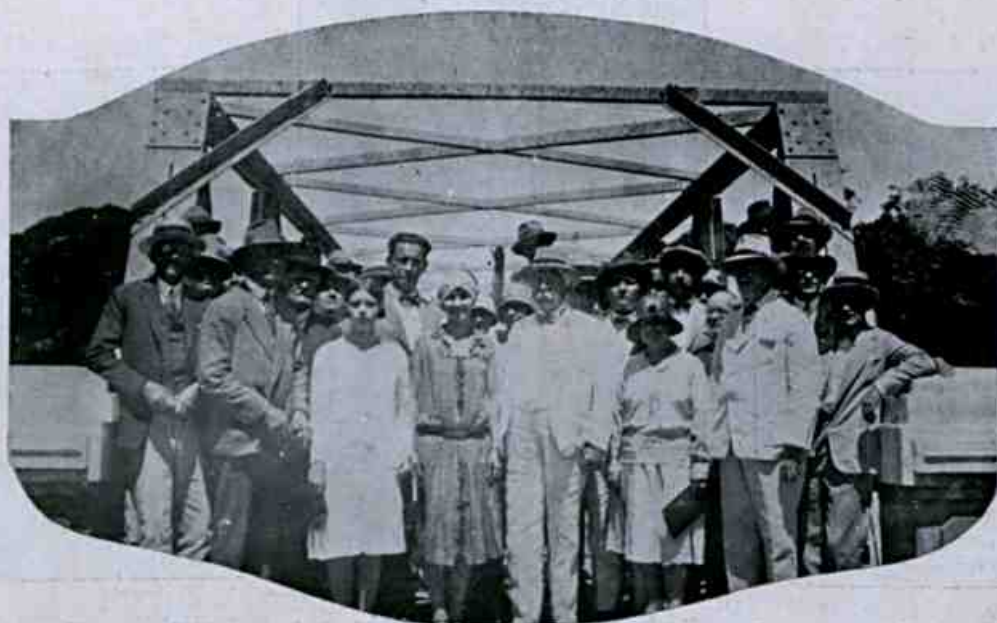
Em baixo e em cima: Os teams do São Christovão e do America, que tomaram parte nas partidas de basket-bail em homenagem ao senador Vespucio de Abreu, que se vê ao centro rodeado de prestigiosos elementos do sport carioca.

"O MALHO" EM CUYABÁ

RECORDAÇÕES DA VIAGEM DO SENADOR ANTONIO AZEREDO AO ESTADO DE MATTO GROSSO

D. Léa Azeredo Silveira e D. Dulce Corrêa.

A senhorinha Anna Luiza, escriptora.

O senador Antonio Azeredo em palestra com os Srs. Mario Corrêa e Annibal de Toledo.

Na "Salgadeira" de propriedade do presidente Mario Corrêa.

O senador Azeredo sobre a ponte do rio Jurú Mirim

Depois do banquete a bordo do "Tudes", vendo-se os condes de Pereira Carneiro e deputado Manoel Villaboim

Na residencia do Sr. Manoel Ferreira, no dia do anniversario de sua filha Julia

Luiz N. da Gama Filho, nosso collaborador, que desfructa as maiores sympathias nos meios literarios.

Paul Stille, habil photographo, que muito se preoccupa com as cousas brasileiras.

O casal Thomaz Ribeiro Lopes, que festejou o 25° anniversario de casamento em 25 do corrente.

Bairro -- Jardim Maria da Graça, da C.ia Immobiliaria Nacional

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO MARIA DA GRAÇA.

Representantes da E. de F. C. do Brasil, da Inspectoria de Concessões, Directoria e auxiliares da Companhia Immobiliaria Nacional.

Directoria e funccionarios da Cia. Imm. Nacional, representantes da E. F. C. do Brasil e das Inspectorias de Concessões, moradores do bairro Maria da Graça, clientes e amigos da Cia

HOMENAGEM AO DIRECTOR DA ESCOLA DE CHAUFFEURS

Na Escola de Chauffeurs da Avenida Mem de Sá, 193 A., por occasião da manifestação dos assistentes e dos alumnos da mesma Escola ao seu director, Dr. Edgard Estrella, o anniversariante.—O homenageado anniversariante, em outro grupo, sentado.

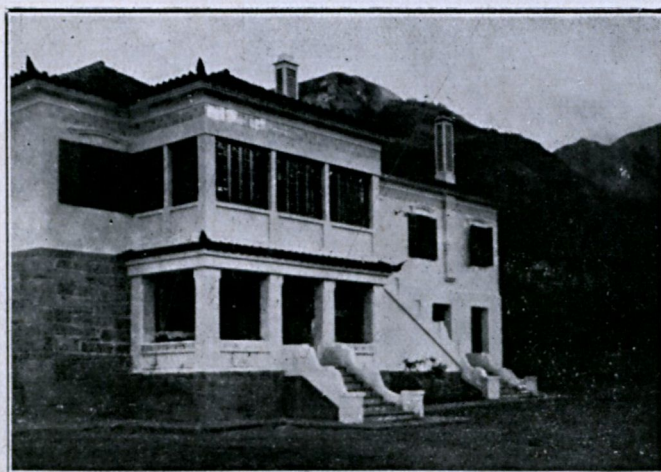
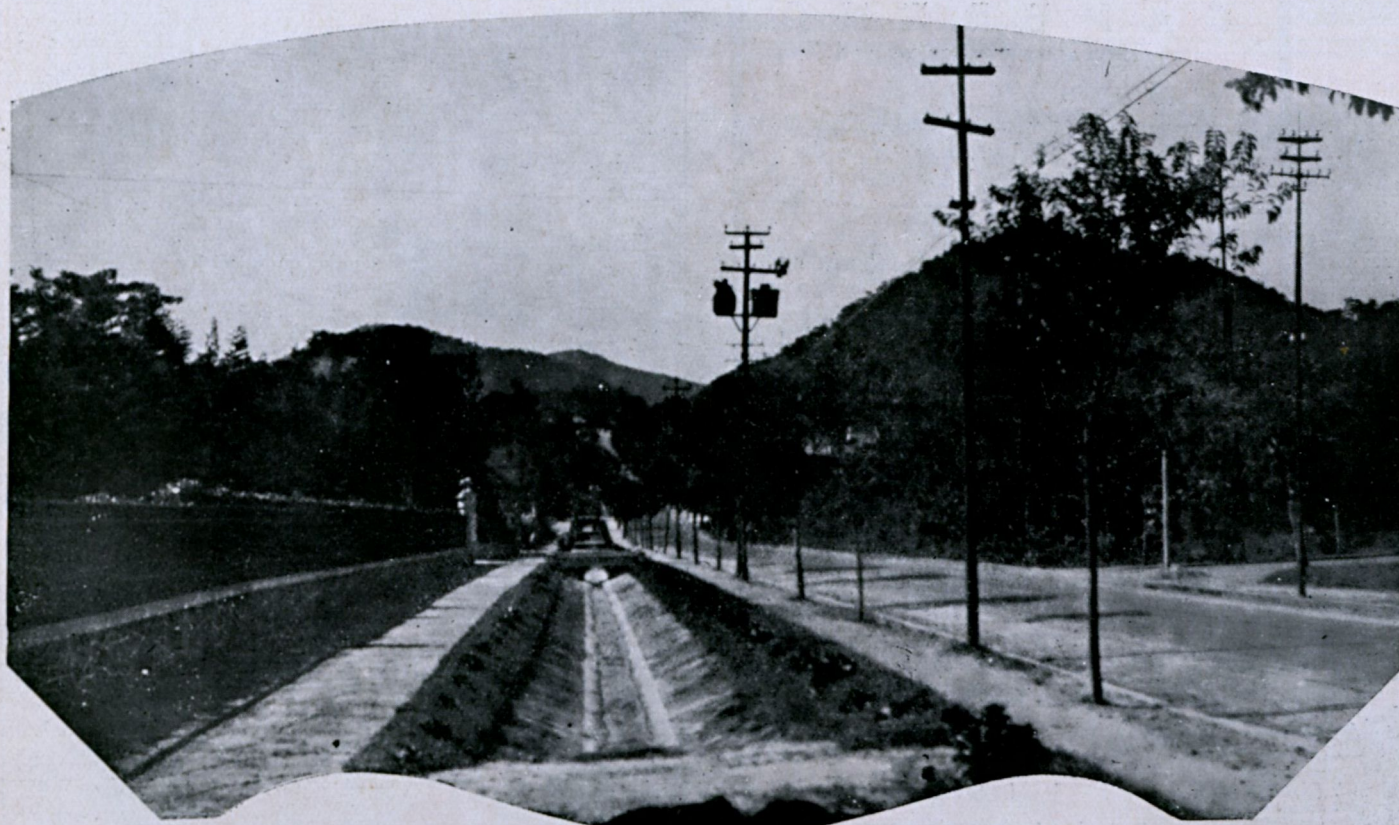
Portugal — Minho — Uma das praças da Villa de Ancora, em dia de procissão. Ao fundo, o predio do Club de Ancora.

Enlace Evangelina de Castro Leal-Dr. Benjamin Vasconcellos.

Inauguração do Café da Ordem (de S. Francisco), no Largo da Carioca, com a presença de grande numero de convidados da firma proprietaria Cunha, Mallet & Cia.

Augusto Niklaus, em Gornergrat, Suissa.

O BRASIL PITTORESCO

Vistas de Therezopolis — Photographia tomada na Varzea

Dois aspectos do "Seio de Abrahão", residencia do Dr. Edmundo Bittencourt, nos arredores de Therezopolis

Uma das mais lindas avenidas de Therezopolis: — a Oliveira Botelho

D. Helena Dias Loureiro, esposa do Sr. Alvaro Dias Loureiro, do alto commercio desta praça, tendo ao collo Luiz Alvaro, o enlevo do feliz casal.

FACES ROSADAS

Para que sua face pareça naturalmente corada, não use nunca rouge, carmin, nem outras pinturas, senão exclusivamente carminol em pó, que se póde obter em qualquer pharmacia ou perfumaria. O carminol não tem effeito nocivo algum sobre a cutis; dá á face um tom rosado tal que ninguem póde perceber que não é natural. As mulheres de face descolorida, notarão a enorme e benefica differença que produz em seu rosto um pouco de carminol. Tanto em pleno sol, como sob a luz artificial, o rosado que produz o carminol é de effeitos encantadores.

REFORMADOR DA CUTIS POR ABSORPÇÃO

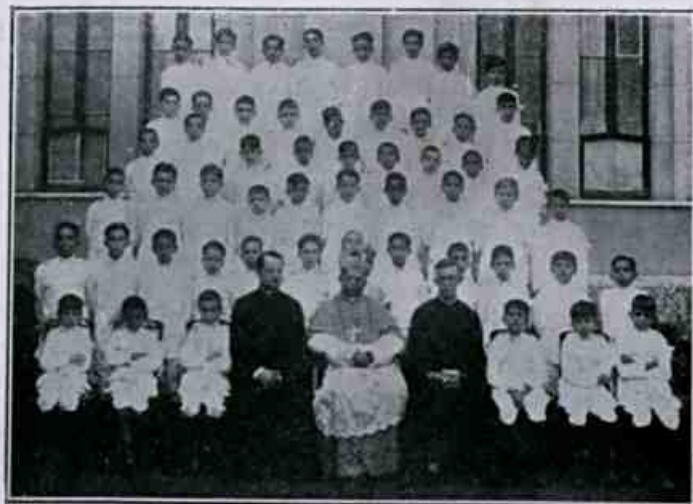
(Do "Woman's Magazine")

Si a sua cutis está estragada pela pallidez, manchas ou sardas, de nada serve o uso de pó, pinturas loções, cremes ou outras cousas para fazer desapparecer esses contra-tempos e ao menos que tenha a habilidade de um artista, desfigurará o seu rosto muito mais.

O novo methodo admittido é livrar a cutis de todas as suas faltas offensivas. Compra-se um pouco de cera pura mercolized (pure mercolized wax) numa pharmacia, applica-se ao rosto, como se fôra cold cream, e lave-se, pela manhã com agua quante e sabonete, salpicando-se com um pouco de agua fria.

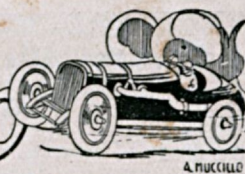
A pure mercolized wax absorve a parte amortecida da pelle, em pequenas partes, de maneira que ninguem nota que se está transformando o rosto, a não ser pelo resultado que é verdadeiramente maravilhoso.

Nada a póde igualar, para conseguir uma cutis saudavel e formosa.

Portugal — Minho — Aldeia de Soutello. Festa de S. Sebastião, o andor de Nossa Senhora.

Alumnos do Collegio Salesiano de Nictheroy, que receberam a 1ª communhão, vendo-se ao centro D. José Pereira Alves, Bispo de Nictheroy.

Enlace Guiomar Soutello-Nestor Bueno Mattoso

Distribuição de exemplares da festejada revista infantil "O Tico-Tico", durante a sessão que lhe foi dedicada no confortavel Cine-Avenida, da Empreza Loyola, em Ribeirão Preto.

Automobilismo

O RODOVIARISMO EM MINAS

Ao agradecer, em discurso, as homenagens do povo mineiro, no mez passado, frisou o presidente Antonio Carlos:

"O concurso do Thesouro para a construcção e conserva de estradas de rodagem se representou, neste periodo governamental, e até este momento, pela alta cifra de 37.621 contos. Todas as regiões do Estado têm sido, a esse respeito, directa ou indirectamente beneficiadas. Dentro de um anno estarão concluidos os trechos necessarios á conclusão das duas extensas rodovias que, servindo ás populações de muitos e importantes municipios, ligarão Bello Horizonte ao Rio de Janeiro e á capital do Estado de S. Paulo.

Podemos nos envaidecer de que possuimos actualmente a maior rêde de estradas de rodagem do Brasil, qual a de 12.409 kilometros, dos quaes 4.712 construidos directa ou indirectamente pelo Estado. Para o aperfeiçoamento e muitas dessas estradas foram construidas ou renovadas, dentro deste periodo administrativo, pontes de cimento armado cujo custo attingiu a 12.732 contos".

—

DE JANEIRO DE 1926 A ABRIL DE 1929, FORAM FURTADOS 511 CARROS EM S. PAULO

A Delegacia de Portos de São Paulo organizou uma estatistica sobre os furtos de automoveis occorridos naquella capital.

Segundo a mesma estatistica, de Janeiro de 1926 a Abril de 1929 foram furtados, em S. Paulo, 511 carros e apprehendidos 435, faltando apprehender, portanto, 76 carros.

O valor dos carros furtados elevase á cifra de 3.458:670$000 e dos apprehendidos a réis 436:500$000.

Em primeiro logar, figura entre os roubados o "Chevrolet", com 218 carros e, em seguida, o "Ford", com 217.

Sr. Louis O. Ricci, vice-presidente da Foreing Advertising, de Detroit, agora em visita de estudos aos mercados brasileiros, que lhe têm causado magnifica impressão, e aos de outras Republicas da America do Sul.

Sr. S. Reekie, director da publicidade da Chrysler Motors no estrangeiro e que, neste momento, encontra-se igualmente entre nós, a serviço da grande empreza de Detroit.

EXPOSIÇÃO FIAT

Foi inaugurada, no sabbado passado, no Palace Hotel, pela Companhia Fiat Brasileira, uma exposição dos novos modelos Fiat 521 e 521 S., que estão despertando muito interesse e agrado entre os automobilistas.

—

O CONGRESSO RODOVIARIO DO RIO DE JANEIRO

Como se sabe, este anno o Congresso Pan-Americano de Estradas de Rodagem se reunirá no Rio de Janeiro. Um dos problemas mais importantes a serem debatidos nessa proxima reunião de rodoviaristas americanos, é o da grande estrada de automoveis ligando a America do Norte á Central e á do Sul, numa finalidade de mais intensificar o intercambio commercial e as relações affectivas entre os povos do Continente.

A Pedra

(CONTO DE TOLSTOI)

Um pobre foi pedir esmola á casa de um rico. Este não lhe deu nada.

— Sáia d'aqui! — disse-lhe o rico.

Mas o pobre não se retirou.

Então, o rico aborreceu-se e, pegando n'uma pedra, atirou-lhe com ella.

O pobre pegou na pedra, apertou-a de encontro ao peito, e disse:

"Hei de guardal-a até que, por minha vez, lh'a atire, tambem."

Passou tempo.

O rico praticou uma acção má, de que a sociedade lhe pediu contas e, despojado de quanto tinha, foi encerrado n'uma prisão.

Vendo-o tão arrastado, o pobre chegou-se a elle, tirou a pedra de junto do peito, e fez o gesto de lh'a arremessar; mas, reflectindo, deixou-a cahir no chão, e disse:

"Foi inutil ter guardado durante tanto tempo esta pedra. Quando elle era rico e poderoso eu temia-o; agora, compadeço-me d'elle".

TEU ÉSTRO

Ao espirito luminoso de Bilac.

Vibrante o éstro teu, vulcanico, incendiario,
Lembra em chammas mil sóes no azul do firmamento...
Cyclopico a estrugir, é a voz de um tumultuario
Mar em furia a bramar contra as praias, detento...

Teu verso de esplendor excelso em seu rimario,
— Espadas de ouro ao sol!... Nuvens de astros ao [vento!...
Um incendio de rubis a clarear o scenario
Onde em extase, Apollo ouve-te a lyra, attento!...

Teus versos lembram sóes de luz o espaço enchendo,
Num eterno luctar, da tréva o cháos vencendo,
Como o Divino Orpheu, pontifice de Eleusis.

Reler-te é a alma enlevada em luminosidade
Ter em delirio voar, voar á immensidade
E num sonho sorver o alvo nectar dos Deuses!

Rio. 1929.

DURVAL GONÇALVES CORRÊA.

UM VERDADEIRO CLUB DE SUICIDAS

(F I M)

— E agora, meu caro, se quizeres ir ás docas metter uma bala na cabeça á beira d'agua e desapparecer para sempre, eu te acompanho. Eu te assistirei. Apostarei, porém, de boa vontade em como não irás. Descarregaste já do coração o que te opprimia. Por outro lado teus cuidados não passam de pequenas inquietações. Ser-te-á facil retornar á vida honrosa. Emfim, deves comprehender que um homem de vossa educação faria uma offensa á sua familia commettendo uma fraqueza semelhante. Ella ficaria orgulhosa se retomasses o combate". E Red Sheppard ajuntou: " Sabeis o que elle fez? — perguntou-me o capitão, que accrescentou: Elle me entregou sua arma, subiu ao estrado e orou com fervor e paixão. Não pediu nada a Deus; não fez mais que lhe mostrar sua alma sangrando e parou.. Deus ouviu-o, sem duvida. Attendeu-o. Hoje elle dirige uma igreja com uma missão e nos dá a metade de seu salario para o Club dos Suicidas. Foi, graças a estas dadivas voluntarias, que podemos vêr nos jornaes de Nova York annuncios recommendando aos que têm a intenção de se suicidar o Exercito de Salvação como conselheiro...

"A' primeira vista estes annuncios parecerão ridiculos. Um homem que se quer suicidar, dir-se-á, a primeira cousa a fazer será exactamente não procurar o Exercito de Salvação, que não tem por fim ajudar as creaturas a se destruirem. Ficareis, comtudo, admirado do resultado desses annuncios.

Existe muitas vezes na vida dos homens espaços desertos desnudos, fossos terriveis como trincheiras inimigas na guerra. Ha na vida altos e baixos puramente convencionaes. Por vezes os baixos são muito frios, muito miseraveis. Temos dividas, commettemos alguma felonia, não temos mais amigos. Os inimigos cercam-nos: a policia, os accusadores, a vergonha, a confusão a cada passo; talvez o remorso."

E alguns não sabem evitar os perigos senão se matando, porque é facil.

Um tiro ou uma navalhada, uma corda ou uma dóse de veneno — nada mais facil. Os nossos annuncios fazem exactamente appello a estas pessôas. Os outros acreditam que os homens uma vez tombados nos baixios pantanosos da sociedade perdem completamente a razão. Geralmente os homens suicidam-se por tres causas principaes: o dinheiro, os desencontros conjugaes e as condições sociaes. Entre as mulheres as determinantes, são: as preoccupações da casa, a falta de lar, a maternidade illegitima, o regresso da idade.

As mulheres provam maior resistencia que os homens ante o soffrimento physico; cedem, porém, mais depressa a uma pressão moral. O homem luta mentalmente, mas abandona facilmente o campo se lhe falta conforto. O homem suicida-se, afinal, por motivos physicos, a mulher por causas moraes.

Occorre-nos ainda aqui as pessoas que tendo intenções funestas, sem que se saiba talvez, curam-nas falando. Descarregar o que nos pesa demasiado no peito, opprimindo-o, faz-lhe sempre bem. E assim a morbidez desapparece. Essas, têm a seguir, vergonha de si mesmos.

Um homem confessará as faltas mais abjectas, mas negará sem duvida que tentou contra a existencia. A mulher o fará tambem até certo ponto, balbuciando, a principio para depois declaral-o.

Restam os que nos dizem: Ajudae-me! Sinão me mato...

Estes são os mais faceis de conduzir. Os mais difficeis são os que se envergonham da idéa do suicidio. Como os silenciosos e os resolutos, elles estão na hora crepuscular. E' possivel, entretanto salval-os, si se tem em vista que a sua resistencia não dura. E' preciso certo começar a salvação falando da religião. Mas antes se faz mistér levantar a esses infelizes a força physica. Esses desesperados contam com alguns recursos, já que nos vêm vêr. Reaquecer-lhes o corpo, alimental-os, dar-lhes roupa e fazel-os repousar, deverá ser o nosso principio de acção. A seguir, então, falaremos de Deus. Cuida-se a começo do sêr humano, depois da alma. Taes desherdados da sorte não poderão comer uma prece, ou beber um versiculo da Biblia, não é assim?

Ha, certamente, desesperados e impostores. Mas nós não fazemos differença. Mais vale nos enganarmos no bem. Ha-os tambem arrogantes e intrataveis. Empregamos com elles o methodo directo — do pão, do trabalho, das roupas. Chacoteam, acceitando-o, para depois concordarem. Alguns tornam-se os nossos melhores auxiliares.

(Copyright da Anglo-American Newspaper Service.)

George Washington, o Pae da Democracia

(F I M)

de Washington. Sua conducta deve ser uma advertencia para o futuro."

A posteridade, todavia, como aliás, a grande maioria dos seus contemporaneos não tomaram conhecimento do aviso do "politico". Ao contrario, ella celebra cada anno com um affecto inalteravel ou veneração profunda — impressão desse decôro moral que era o proprio Washington — o anniversario do homem modesto, magnanimo e reflectido, que através de todas as crises se esforçou por apresentar sua nação como uma entidade indivisivel, trazendo sempre na visão do seu espirito, o ideal de governo que elle instituia em beneficio das gerações futuras e não mudando jámais na confiança que nutria com respeito ao bom senso e á intelligencia de seu povo.

Um philosopho muito discutido, Frederico Nietzche, disse: O que a vida nos dá, nós o devolvemos á mesma.

Esta notavel definição moderna do sentimento do dever e do senso do destino historico, sem o qual nenhum povo conseguirá attingir a dignidade de nação, nem homem de Estado algum poderia ser grande, foi o modelo mesmo que inspirou a acção do presidente Washington e do grande povo de que elle foi pae.

(Copyright da Anglo-American Newspaper Service.)

Um Escandalo

Continuam apparecendo em algumas das maiores cidades do Brasil pequenas drogarias ou pequenas pharmacias com os nomes de *Drogaria Gesteira* ou *Pharmacia Gesteira.*

Sem excepção, são pharmacias e drogarias insignificantes, de uma ou duas portas, no maximo, sem capital, sem sortimento, sem importancia nenhuma.

Um Escandalo!

Os seus proprietarios querem somente explorar o conhecido nome *Gesteira,* para que o povo pense que ellas pertencem ao Dr. J. Gesteira.

Convem, por isto, que todos saibam que o Dr. J. Gesteira não tem ligação de especie alguma, em cidade nenhuma do Brasil, com as taes *Pharmacias Gesteira* e *Drogarias Gesteira,* tão desacreditadas e ridiculas, a que me refiro.

O Laboratorio do Dr. J. Gesteira no Brasil é em Belém, Estado do Pará.

Devo repetir: em Belém, Estado do Pará.

O outro Laboratorio do Dr. J. Gesteira é em Nova York, Estados Unidos da America do Norte.

Depois disto que acabo de afirmar, ficam todos sabendo que o Dr. J. Gesteira não tem filial, nem é socio de Drogaria e Pharmacia nenhuma no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

Dacio Arthenes de Avila

(Director da Fiscalisação da Propaganda dos Remedios do Dr. J. Gesteira, nos Paizes Extrangeiros.)

TEU OLHAR

Olhar divino de mulher...
Pareces bem dois noivos ao luar,
duas estrellas só na quietação do Céo,
e, a mim, serve do Amôr, convidando a sonhar...

Sublime olhar!
que para o sonho azul sempre me acórdas,
com essa harmonia ideal, nascida de dez córdas...

Festival de Arvorêdo....
o que digo bem o sei, sei o que sinto;
sei que em teus olhos muitas vezes minto!
— Mas tenho mêdo! —
E quando fito o immenso dos Espaços,
vejo-os adormecidos em meus braços...
São teus olhos mulher, na alma de um sonhador,
o conforto da Angustia, a esperança do Amôr!

Lagôa que namora um coqueiral saudoso —
olhos filhos da Dor, do Silencio mysterioso...

Divino olhar de mulher:
uma illusão qualquer!

WALDEMIRO PINHO.

(Rio)

Os Sete Dias da Politica

Cresce, cada dia que passa, a lista dos que "têm a corda no pescoço" — na expressão do sr. Pires Ferreira. Do Amazonas, como se sabe, não voltará ao Senado o sr. Barbosa Lima, em cuja vaga virá o sr. Ephygenio de Salles. Do Piauhy, não se precisa accentuar que o sr. Pires Rebello ficará "no matto sem cachorro", dada a sua attitude na tribuna do Monroe. De Alagôas, o sr. Mendonça Martins não será reeleito pelo seu Partido. De Pernambuco, o sr. José Henrique Carneiro da Cunha está com os dias contados, vindo em seu logar o sr. Samuel Hardman, successor escolhido pelo sr. Estacio Coimbra. E da Bahia, pulará fóra o sr. Antonio Moniz, por cuja sahida espera ancioso o sr. Góes Calmon. Ha, ainda, varios outros ameaçados seriamente. Entre esses, contam-se os srs. Antonio Massa, da Parahyba; Bernardino Monteiro, do E. Santo; Joaquim Moreira, do Estado do Rio; e Soares dos Santos, do Rio Grande do Sul.

* * *

A literatura mascavinha da ultima "fala do throno" do sr. Estacio Coimbra, derrama-se, actualmente, pelas paginas dos jornaes e revistas que lhe são sympathicos, aqui no Rio.

A imprensa livre de Recife, porém, está oppondo a mais vehemente contradicta aos dados economicos e financeiros que o alludido documento encerra, bem como a certos outros destemperos. O sr. Estacio volta a fazer a sua corajosa affirmativa de que no seu Estado não existe opposição "regularmente organisada", baseando-se no facto de não concorrerem os seus adversarios ás farças que o governo classifica de eleições, e nas quaes sahem eleitos, invariavelmente, os candidatos officiaes.

Já tivemos occasião de manifestar a nossa opinião nesse sentido.

Accentuámos, então, a inutilidade desses appellos ás urnas, sabidos como são os processos fraudulentos do estacismo. Quanto á situação financeira, vê-se que Pernambuco, em vez de progresso, está num flagrante setrocesso.

Aliás, quem o diz é o proprio governador — "mensageiro", quando affirma que o saldo de 1927 foi de mil novecentos e tantos contos e que o de 1928, "sommado" ao anterior, não vae além de mil e duzentos contos! Estranha taboada! A somma, nos calculos do sr. Estacio Coimbra, resulta em subtração... Mas o governador procura explicar, mais adeante, a sua embrulhada.

E dessa explicação deprehende-se que o governo, "para introduzir melhoramentos inadiaveis", lançou mão do saldo de 1927, desfalcando-o em cerca de setecentos contos, e que no anno de 1928 não foi possivel economisar nem um real, apesar de ter sido a arrecadação superior, "em seis mil contos", á receita orçada! Estupendo! Com um administrador dessa marca, Pernambuco está bem arranjado...

* * *

Macacos nos mordam se entendemos o que se passa, actualmente, na politica paraense. O governador Eurico Valle, logo que assumiu o governo, hostilisou evidentemente o seu antecessor, desfazendo actos seus e dando provas de ingratidão áquelle que lhe déra o cargo.

Os inimigos do sr. Dionysio Bentes exultaram.

Batiam palmas a todos os actos do actual inquilino do Palacio Amarello. Este, porém, mais depressa do que era de esperar, fartou-se dos louvores opposicionistas, e, arrependido, elegeu o sr. Dionysio para o Senado, que acaba de acolher em seu seio esse politico nortista. Entre parenthesis: quem pediu a nomeação de uma commissão, no Monroe, para receber o ex-governador Bentes, foi o inimigo deste, sr. Lauro Sodré, que, como é da praxe, foi o primeiro indicado para a alludida commissão... Agora, segundo relatam as noticias de Belém, o sr. Eurico Valle vem de promover uma significativa homenagem ao sr. Dionysio, inaugurando o seu retrato na galeria de honra do palacio presidencial, entre discurseiras e bebedeiras, sem que a imprensa inimiga da administração anterior o fulminasse com os seus ataques.

Isto, como se vê, é escandalosamente desconcertante. Por accaso, ainda continuará circulando o "Estado do Pará"? Ou o sr. Eurico Valle conseguiu empastelal-o... cordealmente? E o sr. Lauro Sodré? Por que fez as pazes com o sr. Dionysio? Será que este, apesar de desthronado, ainda pudesse prejudicar a sua reeleição para o Senado, na renovação do terço? Não o sabemos. Ficariamos até muito agradecidos a quem nos désse uma bôa informação a respeito.

* * *

O sr. Manoel Dantas se fosse capaz de raciocinar, já teria tempo de estar arrependido da sua intempestiva viagem ao Rio de Janeiro. Podia tel-o feito lá em Sergipe, depois de sua visita á Capital Federal, tão rapida que ninguem chegou a notar.

Mas o homem insistiu em vir outra vez e foi um desastre. Lá se vae por agua abaixo todo o prestigio da distancia. O governador de Sergipe, no qual toda gente esperava encontrar um coronel rustico, mas bem equilibrado e energico, apresentou-se aos meios politicos do Rio, lamentavelmente, como um coronelão sem noção do ridiculo, espalhando basofias nas rodas onde mette o bedelho e a commetter *gaffes* do tamanho de um bonde. E cahiu na troça. Ninguem o leva mais a serio. De maneira que, ao voltar para Sergipe e ao recomeçar o seu desgoverno, o publico que lê os successos politicos nos jornaes já não dirá a cada desmando do coronel Manoel Dantas:

— Este homem precisa de um mentor. Sergipe não é uma senzala.

Mudará a observação:

— Este homem precisa de um curador. Que diabo!

Para quem vinha com o intento de firmar prestigio no Rio, uma impressão destas é uma morte. Hoje, ninguem crê mais na energia do sr. Manoel Dantas.

* * *

Outra coisa que cahiu em um ridiculo espantoso são os discursos do sr. José Pires Rebello, no Senado.

O sr. Pires Rebello sempre foi tido na conta de homem nervoso, inquieto, intrigante e sempre desfrutou de uma cordeal antipathia no Senado.

Mas, afinal, continha, mais ou menos, as exigencias do seu temperamento. Approximando-se, porém, a época da sua degolla, o homem perdeu o *controle* e desandou a fazer tolices.

A principio, deu-se attenção aos seus discursos, não obstante a falta de autoridade do orador, frisada por toda a imprensa que reconheceu, unanimemente, no representante do Piauhy, apenas um politico opportunista que, emquanto teve mandato e esperança de reeleição, nunca deixou de dar o seu apoio tacito ou expresso a todos os actos do Executivo, contra cuja prepotencia agora reclama.

Mas o sr. Pires Rebello não soube calar, depois de ter causado o primeiro effeito, nem teve bastante espirito para mudar de tom e desfarçar a intriga dos seus discursos. Continuou a serie famosa e succedeu o que tinha de succeder: ninguem mais lhe dá ouvidos. S. Excia. diz as maiores inconveniencias e ellas cahem no meio de um silencio sepulchral, no ambiente de uma assistencia gelada.

Quando alguem se dispõe a dar-lhe um aparte é para precipitar o orador no ridiculo, como costuma fazer o sr. Costa Rego.

Agora, o sr. Pires Rebello ameaça descambar para a politica piauhyense, tendo emprasado uma sabbatina com o seu tio e adversario politico, marechal Pires Ferreira. Este, amparado, com certeza, em conselhos amigos, adoeceu providencialmente e a discussão ficou adiada *sine die*. Sinão, iriamos ter, outra vez, no cartaz, os famosos casos regionaes, com todas as suas pequenezas e as suas mesquinharias.

* * *

Este dialogo é authentico.

Na sala do café do Monroe. Depois da sessão. O sr. Pires Rebello conversa com o sr. Lopes Gonçalves, sem que cheguem a um accordo a proposito do doador das capitanias: D. Manoel ou D. João III.

— Sabe que mais — diz o sr. Pires Rebello, querendo captar as sympathias da baleia constitucional —. Os jornaes estão classificando os meus discursos como mania.

— Mania perfeitamente curavel — responde o sr. Lopes Gonçalves, com innocencia.

E com convicção de um doente curado:

— Posso garantir-lhe que é curavel. Pergunte ao Aristides Rocha.

* * *

O sr. Fernandes Lima ficou mesmo na Commissão de Agricultura.

Como se sabe, o senador alagoano havia renunciado a este logar, mas a instancias do sr. Azeredo, que lhe garantiu que não havia nenhum rebaixamento na sua transferencia da Commissão de Justiça para a de Agricultura, o sr. Lima calou-se.

Mas no outro dia ameaçou:

— Não. Eu renuncio mesmo. Quero renunciar. Vou fazer discurso.

E toda gente ficou á espera da catastrophe. Houve nova intervenção:

Um esplendido livro de palpitante actualidade.

COMO CLODOVEU DE OLIVEIRA ANALYSA E CONCEBE A "QUESTÃO SOCIAL"

Clodoveu de Oliveira foi um dos espiritos a quem as doutrinas sopradas da Russia impressionaram entre nós mais a sério. Temperamento de idealista, com um fundo de bondade que a educação simples da provincia apurou, o antigo professor mineiro, achou naturalmente que se deveria converter num instrumento das idéas que o empolgavam. Veiu assim para o Rio — e aqui fez da imprensa a nova tribuna de sua acção social.

A questão operaria, de preferencia a qualquer outra, o absorveu. Internou-se pelas associações de classe e foi como reporter inteirar-se do que ia por ellas, já em materia de necessidades, já com relação ás suas aspirações e possibilidades.

Cá fóra reflectia uma e outra com grande movimento, calôr e vibração. Agitou o meio e com elle soffreu as consequencias da reacção que a campanha provocava da parte dos elementos cujo dominio procuravam destruir.

Mas, felizmente, á semelhança do que aconteceu a outras intelligencias por igual honestas, esta approximação com os trabalhadores nacionaes não lhe foi favoravel, levando o jornalista das campanhas reivindicadoras a dar sobre si mesmo uma especie de meia volta em virtude da qual passava como que a vêr a questão social de costas para o operariado... Não ha nessa attitude nenhuma contradicção. Clodoveu, intelligencia energica, de analysta philosopho, vira na preponderancia desse factor apenas um obstaculo ás transformações sociaes sonhadas. Contramarchou, portanto, habilmente, e hoje combate o communismo a bem mesmo da sua tão sonhada aspiração de harmonia no progresso e bem estar na vida das sociedades modernas.

Nesse estado de consciencia escreveu elle um livro. Aqui a pressa do reporter cedeu logar ao vagar do escriptor e a obra do intellectual ganhou duplamente, porque augmentou em brilho e em poder de convicção.

Trata-se de uma novella a que o autor subordinou ao titulo de "Esperando a Morte". Nestas paginas de grande envergadura e construcção mental, Clodoveu de Oliveira combate a solução revolucionaria do problema social. E combate-a porque deixou de ser precisamente um "vermelho".

Apostatou o seu credo? Não, — responde elle com rara eloquencia — descri!

Esta phrase vale tudo, porque tudo nos diz. O marxismo é um credo antes de ser uma theoria economica-social. E os credos politicos ou religiosos a gente só os acceita ou professa de facto emquanto nelles acredita. Com a reflexão e a critica mais racional da orthodoxia russa, verificou o nosso antigo confrade que ella assentava no illogismo: a igualdade economica compulsoria entre os individuos de capacidades mais diversas. Este absurdo foi-lhe a pedra de toque da moralidade do systema. Sua honestidade reagiu naturalmente e o homem passou d'esse modo a orientar por outros raciocinios as suas idéas no tocante ás normas que mais convêm a sociedade para que realize e preencha os fins da civilização.

O bolschevismo é um retrocesso na marcha da humanidade, com sua selecção invertida. E', pelo menos, o nivelamento por baixo, ou como o definiu admiravelmente Clodoveu, servindo-se da linguagem da época, "a estabilisação a cambio vil de todos os valores individuaes". A cada um segundo seu merito.

A novella "Esperando a Morte" não será, porém, apenas um combate ao communismo — typo das sociedades primitivas, o que quer dizer ainda não organizadas e evoluidas convenientemente. O que ella é no fundo e em ultima analyse é o elogio da vida pura e simples. Apenas o brilhante espirito de Clodoveu o revelou por alguns paradoxos que o fazem mais interessante ainda.

O successo da novella socialista de nosso talentoso collega afigura-se-nos assim fóra de qualquer duvida.

— Não discurse, *seu* Lima. Renuncie, em silencio.

Mas o representante alagoano só renunciará se fôr com discurso. Por isso tem sido aguentado até aqui.

Oxalá consigam contel-o até o fim do anno. Um discurso do sr. Fernandes Lima seria a ultima desgraça que poderia acontecer ao Senado.

* * *

PELO CONSELHO

Um respeitavel intendente do 2º districto commentava, ha dias, na "sala ingleza", com certo fundamento, o facto de pretender um seu collega do 1º districto apresentar, quando aqui chegar a senhorita Olga Bergamini de Sá, um projecto de autorização ao Prefeito para concessão de um premio de cincoenta contos de réis a essa que foi a representante brasileira no concurso de belleza de Galveston.

Caberia a gloria insigne da apresentação a um do 1º districto, porque foi neste que a senhorita obteve a sua grande votação. Os privilegios, diga-se assim, regionaes são o motivo do mais acceso ciume no Conselho. Ora, foi como "Miss Botafogo" que ella veiu a ser "Miss Rio de Janeiro" para concorrer ao titulo e ao premio que obteve de "Miss Brasil". Esse é, portanto, um caso da competencia privativa dos representantes do 1º districto.

Os do outro districto podem votar esse projecto, mas não apresental-o. Fosse, porém, "Miss Cascadura", por exemplo, a titulada e premiada e já a empresa lhes tocaria.

A exclusividade districtal era, pois, questão pacifica. Mas na justificação do respectivo projecto é que pegava o carro triumphal de mais essa consagração esthetica. Seria concedido o novo premio, sinão, propriamente, como um de consolação pelo resultado do concurso de Galveston, antes como um revide ao mau gosto desse tribunal? Ou seria como homenagem ao jury daqui, do qual até fez parte um intendente, o sr. Leitão da Cunha?

Via-se, então, no primeiro destes casos, o projecto se revestiria de certo aspecto internacional; no segundo, do nacional. Era uma do diabo. O Prefeito não tem bons olhos para a intromissão dos intendentes em assumptos de tal natureza. Não deseja que elles tratem, no Conselho, de cousas fóra do ambito da cidade. Já o disse bem claro. Como, pois, conciliar o premio com a vontade do Prefeito, que é quem tem a chave do cofre de onde sahem as liberalidades legislativas?

Estavam as cousas neste pé, quando alguem cortou o nó gordio, não com a pesadona e velha espada de Alexandre, mas com o agil espadim de uma argucia muito fina, muito actual e muito ao geito daquella casa: o premio não seria concedido á representante brasileira em Galveston, nem á "Miss Brasil", mas, sim, a "Miss Rio de Janeiro". Ficar-se-ia assim dentro dos muros da cidade, e, portanto, de accordo com a opinião do Prefeito.

VERSOS DE COLLABORAÇÃO

OLHA O MAR

Olha o mar, olha as vagas tão redondas,
Como se espraiam voluptuosamente!
A vida é isso: um mar cheio de ondas,
Ora manso a rolar, ora fremente.

Se tens na tua dôr que tanto sondas,
Um motivo de amôr que tanto mente,
Fita o mar e verás que docemente,
Elle se embala no vae-vem das ondas.

O mar tem seus abysmos insondaveis!
Reflecte um céo de esplendida bonança,
Mas tambem soffre influxos indomaveis!

E quando o mar assim se transfigura,
Como é perfeita a sua semelhança
Com o coração da humana creatura!

Alberto Lessa

(Bebedouro)

◈ ◈ ◈

HORAS FELIZES

Aos meus filhos

Nada tenho na vida, nada tenho,
Nm riquezas, nem bens, senão apenas
Estas agruras que não são pequenas,
Esta existencia que é pesado lenho.

Sou feliz, apezar de minhas penas,
E das lutas crueis em que me empenho,
Ha tambem horas calmas e serenas
Nesse pó p'ra onde vou e d'onde venho.

E essas horas dulcissimas, preciosas,
Que alliviam as chagas dolorosas
Feitas n'alma, nos cardos de invios trilhos,

São as horas que passo á tarde, quando
Dessa ingrata peleja, descansando,
No aconchego do lar, junto aos meus filhos!

Nelson de Araujo Lima

◈ ◈ ◈

MEU SONHO

Peregrino do amôr, sem seu conforto,
Tropeçando na vida como um cego,
E' num mar de saudade que navego
Rumando a morte, — derradeiro porto.

Enfrentando tormentas, não renego,
Todavia, essa sorte e desconforto;
Levo n'alma esse sonho a que me entrego
E que só morrerá quando eu for morto.

E' um sonho de amôr; nada me importa,
Nem o mar tenebroso que é esta vida,
Esse sonho me alenta, me conforta.

E' um sonho de amôr irrealizado;
Flôr que levo ao futuro, resequida
A marcar uma folha do passado!

Nelson de Araujo Lima

TARDE SERTANEJA

Passa ao longe cantando o brando vento ameno
Que vem abemolar a natureza inteira,
Ao longe o sol descamba atrás da cordilheira
Pouco a pouco escurece e o ar é mais sereno...

Tomba o sol no occidente e a lua se alevanta,
Refaz-se o ar e corre arrefrescando tudo,
E ao longe o violão que parecia mudo
Docemente suspira e o sertanejo canta...

Como é linda a campina em noite de luar!...
Parece neve e luz e a noite uma alegria,
E as estrellas no céo parecem trebelhar...

E a lua vae subindo e a noite é branda e fria...
O sertanejo admira embevecido o luar
Cantando toda a noite até chegar o dia...

Antonio José' Rodrigues

◈ ◈ ◈

INIQUIDADES!...

Bem sei que o mundo freme de alegria,
Que é saude o sorriso andar nos labios:
Pathologico é o mal que me crucia,
No supplicio de interminos resábios.

Por isso busco, em minha nostalgia,
Lendo e relendo velhos alfarrabios,
A ultima palavra, grave e fria,
Da douta Metaphysica e dos sabios.

Nada explica a razão de meu tormento,
Por que na Primavera da existencia
Hei de andar como pétalas ao vento...

Vendo sempre a madrasta natureza
Dar a tantos bondosa preferencia,
— Outros tratando sempre com fereza!

Ferdinando Martino

(São Paulo)

◈ ◈ ◈

DIVINA!...

Para Jandyra Costa

Em extase, minh'alma, ante a graça regina
Que o corpo teu aureola e me povôa o somno,
Esquece os males seus, a existencia ferina
Que ha cinco lustros leva em pristino abandono.

Teu corpo, assim moreno é a perfeição divina!...
Filha da luz, teu corpo é o deslumbrante throno
Em que a belleza impéra; é a luz que me fascina,
Que inda traz um consolo ao meu tristonho Outomno.

— Venus nasceu do mar e tu da luz és filha!...
Da estrada que o meu sêr, amargurado, trilha,
Só a luz dos olhos teus dissipa a escuridão...

De um sublime esplendor teu corpo aureolado,
E' como se elle fosse um astro-rei, alado,
O espaço percorrendo em glorificação!

(Rio)

Durval Gonçalves Corrêa

O Malho

O Silencio

Edgard Pöe

Escuta, — disse o demonio, pousando a mão sobre a minha cabeça. — O paiz de que te falo, é um paiz lugubre, na Libya, sobre as margens do rio Zaire. E ali não ha repouso nem silencio.

As aguas do rio, amarellas e insalubres, não correm para o mar, mas palpitam sempre sob o olhar ardente do sol, com um movimento convulsivo. De cada lado do rio, sobre as margens lodosas, estende-se ao longe um deserto sombrio de gigantescos nenuphares, que suspiram na solidão, erguendo para o céo os longos pescoços espectraes, meneando tristemente as cabeças sempiternas. E do meio d'elles sáe um sussurro confuso, semelhante ao murmurio de uma torrente subterranea. E os nenuphares, voltados uns para os outros, suspiram na solidão.

E o seu imperio tem por limites uma floresta alta, cerrada, medonha! Lá, com as vagas em torno das Hébridas, os pequenos arbustos agitam-se sem repouso, (comtudo não ha vento no céo!) e as grandes arvores primitivas oscillam continuamente, com um estrepido enorme. E dos seus cumes elevados, filtra gotta a gotta um orvalho eterno. E a seus pés estorcem-se, n'um somno agitado, flôres desconhecidas e venenosas. E por cima das suas cabeças, com um ruge-ruge retumbante, precipitam-se as nuvens negras, a caminho do occidente, até rolarem em cataractas para traz da muralha abrazada do horizonte. E nas margens do rio Zaire não ha nem repouso nem silencio.

Era noite, e a chuva cahia; e emquanto cahia era agua, mas quando chegava ao chão era sangue!

E eu estava na planicie lodosa, por entre os nenuphares, vendo a chuva que cahia sobre mim. E os nenuphares, voltados uns para os outros, suspiravam na solemnidade da sua desolação.

De repente, appareceu a lua através do nevoeiro funebre; vinha toda carmezim; e o meu olhar cahiu sobre um rochedo enorme, sombrio, que se erguia á borda do Zaire, reflectindo a claridade da lua; era um rochedo sombrio, sinistro, de uma altura descommunal!

Sobre o seu cume estavam gravadas algumas letras. Caminhei através do pantano dos nenuphares, até á margem, para lêr as letras gravadas na pedra; mas não pude decifral-as. Ia tornar para traz, quando a lua brilhou mais viva e mais vermelha; olhando outra vez para o rochedo, distingui os caracteres. E esses caracteres diziam: *Desolação*.

Levantei os olhos; na crista do rochedo estava um homem de figura majestosa. Pendia-lhe dos hombros a antiga toga romana, cobrindo-o até aos pés. Os contornos da sua pessoa não se distinguiam, mas as feições eram as da divindade, porque brilhavam através da escuridão da noite e do nevoeiro. Tinha a fronte alta e pensativa, os olhos profundos e melancolicos. Nas rugas do semblante, liam-se-lhe as legendas da desgraça e da fadiga, o aborrecimento da humanidade e o amor da solidão. Escondi-me no meio dos nenuphares para vêr o que aquelle homem fazia ali.

E o homem sentou-se no rochedo, deixou pender a cabeça sobre a mão e espraiou a vista pela soledade; contemplou os arbustos buliçosos e as grandes arvores primitivas, depois, ergueu os olhos para o céo e para a lua carmezim. E eu observava as acções do homem escondido no meio dos nenuphares; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava, e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Embrenhei-me nas profundezas longinquas do pantano; caminhei para a floresta dos nenuphares, e chamei os hippopotamos, que habitavam a espessura do bosque. E os hippopotamos ouviram o meu appello e vieram com os behemothes até ao pé do rochedo, e soltaram um rugido medonho. E eu, escondido por entre os nenuphares, espreitava os movimentos do homem; e o homem tremia no solidão. Comtudo, a noite avançava e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Então evoquei os elementos; e uma tempestade horrorosa sobreveiu. E o céo tornou-se livido pela violencia da tempestade, e a chuva cahia em torrentes sobre a cabeça do homem, e as ondas do rio transbordavam, e o rio espumava enfurecido, e os nenuphares suspiravam com mais força, e a floresta debatia-se com o vento, e o trovão ribombava, e os raios flammejavam, e o rochedo estremecia. E eu espreitava sempre o homem do fundo do meu esconderijo; e o homem tremia na solidão. Comtudo, a noite avançava e elle ficava sentado sobre o rochedo.

Irritei-me ▸

CONSULTORIO MEDICO

C. B. (Rio) — Trata-se de asthma essencial.

Int.: Benzoato de ammoniaco, 2 grs.; Tintura de lobelia, 5 grs.; Hydrolato de melissa, ãã; Hydrolato de tilia, 80 grs.; Xe. de codeina, 40 grs.

Para tomar ás colheres. A principio de hora em hora; depois de 2 em 2 horas.

Injecção de *Ephetonina* Merck.

Passando o accesso, dar por periodos as preparações iodetadas e arsenicaes.

De modo geral se póde dizer que a urina de um asthmatico precisa sempre ser examinada.

PLINIO (Araraquara, São Paulo)— E' preciso verificar bem a prostata. Procure um especialista.

MME. RIBEIRO (Santos) — Ha hemoptise quando ha eliminação de sangue pelas vias respiratorias.

Uma hemoptise média se annuncia, ás vezes, por sensação de calôr retro-external, outras vezes por forte tensão intra-thoracica.

Apparece a tosse, e após o esforço tussifaro elimina-se o escarro corado, seguido de regeição mais abundante, quasi sempre de sangue puro, rutilante, aerado, em quantidade que orça por cem a duzentas grammas.

Os signaes physicos são precarios, apenas ruidos bronchicos, emquanto o sangue não foi eliminado. Ha hemoptises silenciosas.

O diagnostico se ha de fazer com a epistaxis posterior e a hematemese. No primeiro periodo a emissão sanguinea se faz na cavernacula microscopica, mercê da hyperemia peri-tuberculosa e da hypertensão local.

A doente deve ficar em repouso, tendo o tronco e braços levantados. Falar pouco. Alimentação liquida. Praticar a revulsão por meio de ventosas seccas, cataplasmas sinapiladas ou sinapismos.

Int.: Ipeca, 20 centgrs.; Ext. thebaico, 5 centgrs.; Julepo gommoso, 120 grs. Para tomar uma colher de 3 em 3 horas.

Não se deve tomar creosoto ou arsenico.

JAMES (São Paulo) — A fraqueza genital é perfeitamente curavel. Trata-se, na maioria dos casos, de um desvio de funcção da prostata (bleno antiga e mal curada, onanismo, herança alcoolica paterna, etc.)

Aconselho injecções sub-cutaneas diarias de *Sôro lipotrophico masculino* e ás refeições dois comprimidos de *Yohydrol* Riedel. Diathermia (electricidade medica).

MME. C. R. (Rio) — Recommendo-lhe int.: Papaina, 20 centgrs.; Magnesia calcinada, 30 centgrs. Para 1 copo. Mc. n. 12. Tome 2 por dia. A's refeições, tomar uma colher de sopa de *Dinatosol*.

I.V.O. (Rio) — Só com exame.

DR. VEIGA LIMA

P. S. — Toda correspondencia deve ser dirigida ao DR. VEIGA LIMA — Consultorio: Avenida Rio Branco, 143, 2° andar — Rio de Janeiro. A's 2 horas. Tel. C. 3627 — Caixa Postal 2316 (*Imprensa Medica*).

---

amaldiçoei a tempestade, o rio e os nenuphares, o vento e a floresta, o céo e o trovão. E á minha maldição os elementos emmudeceram; e a lua parou na sua carreira, e o trovão expirou, e o raio deixou de faiscar, e as nuvens ficaram immoveis, e as aguas tornaram a repousar no seu immenso leito, e as arvores cessaram de se agitar, e os nenuphares não suspiraram mais, e na floresta não se tornou a ouvir o minimo murmurio, nem a sombra de um som no vasto deserto sem limites. Olhei para os caracteres escriptos no rochedo, e os caracteres dizam agora: *Silencio*.

Volvi outra vez os olhos para o homem, e o seu rosto estava pallido de terror. De repente, levantou a cabeça, ergueu-se sobre o rochedo e pôz o ouvido á escuta. Mas não se ouvia nem uma voz no deserto illimitado! E os caracteres gravados no rochedo diziam sempre: *Silencio*. E o homem estremeceu e fugiu; e para tão longe fugiu, que jámais o tornei a vêr...»

Ora, os livros dos magos, os melancolicos livros dos magos encerram bellos conceitos, esplendidas historias do céo, da terra e do mar poderoso; dos genios que têm reinado sobre a terra, sobre o mar e sobre o céo sublime. Ha muita sciencia na palavras das Sybillas. E das flôres tão sombrias de Dodona sahiram outr'ora oraculos profundos. Mas jámais se ouviu uma historia tão espantosa como esta!

Foi o demonio que m'a contou, sentado ao meu lado na solidão do tumulo. Quando acabou de falar, desatou a rir, e como eu não pude rir com elle, amaldiçoou-me. Então o lynce que vive eternamente no tumulo, sahiu do seu couto e veiu deitar-se aos pés do demonio, olhando-o fixamente nas pupillas.

O Dr. ADHERBAL DE CARVALHO traduziu em bellos versos este conto. Vide *Ephemeras*, Aillaud, edt.

MEU "TONELERO"

Cortando as aguas, possante
Altivo, forte, elegante,
Ruja o mar em desespero
Ou marulhe mansamente,
Navegando indifferente
Vae meu barco "Tonelero".

Galgando o dorso das aguas
Rumando a longinquas plagas
Quer tempo claro ou na bruma,
Empina a prôa ligeira,
E a ré vae deixando a esteira
Feita de rendas de espuma.

Assim correndo ligeiro,
Vae meu barco sobranceiro
Como gaivota no ar.
Sob um penacho de fumo,
Corre, seguindo seu rumo,
Na superficie do mar.

Um barco assim de valor,
Tão bello rebocador
E' mesmo uma cousa rara;
Por isso mesmo acredito
Que meu barco é o mais bonito
Que atravessa a Guanabara!

Nelson de Araujo Lima

1898
29
JUNHO
1929

8º
TORNEIO
MAIO
E JUNHO

SECÇÃO CHARADISTICA, DIRIGIDA POR MARECHAL

TODA CORRESPONDENCIA, DESTINADA A ESTA SECÇÃO, DEVE SER ENDEREÇADA A MARECHAL — RUA DO OUVIDOR, 164

CHARADA SEM ARTE, SEM O CAPRICHO DA FORMA NÃO E' CHARADA

PREMIOS

Para 1º, 2º e 10 logares em cada um dos torneios parciaes, e um outro para o vencedor destes, em conjuncto.

RESULTADO DO N. 1.385

TOTALISTAS
Jubanidro, Manel, Pompeu Junior e Mr. Trinquesse (todos da L. C. P., Paulo.

OUTROS DECIFRADORES

Olivares (Pomba), 18; Pedro K. (Bom Jesus de Itabapoana), 14; Anjoro (S. João d'El-Rey), João da Roça e Roceirinha Nazarena (ambos de Nazareth), Violeta (Recife), 13 cada; Ave da Sorte e Aventureira (ambas da Bahia), 12 cada; Jovaniro (Nazareth), Barbazul (S. Paulo), 9 cada.

DECIFRAÇÕES

121 — Afilhador; 122 — Transcursado; 123 — Alaterno; 124 — Solfa; 125 — Detergente; 126—Caravana; 127—Vivaz; 128 — Catodo; 129 — Abraiano; 130 — Dommel; 131 Gaiola; 132 — Acompanhado; 133 — Patriciado; 134 — Piroxila; 135 - Veroroia; 136 — Safaro; 137 — Cela; 138 — Precioso; 139 — Saro; 140 — Orasus; 141 — Parita; 142 — Molleja; 143 — Evora-Monte; 144 — Comportado; 145 — Sejano; 146 — Retorno; 147 — Obrador; 148 — Atropos; 149 — Falguer; 150 — Viuva de estrada, nem viuva, nem casada. A solução do trabalho a premio, de Carlos Costa, é *Bhavani*. Para tal trabalho não se apresentou um só decifrador, ao que nos conste, porquanto o autor nada nos communicou até então.

TAÇA MARIA FLÔR

Mais uma semana de espera e iniciaremos, definitivamente, a primeira competição da Taça "Maria Flôr", instituida, com enthusiasmo, elo nosso illustre confrade bahiano Chantecler, cultor decidido e reconhecido do charadismo.

A 1 do corrente foi encerrado o prazo para o recebimento dos trabalhos destinados á 1ª serie; demos, entretanto, alguns dias mais de prorogação para os charadistas mais afastados, attendendo a certas irregularidades nos transportes terrestres e maritimos. A 12, ainda deste mez, extinguiu-se o prazo para as inscripções.

Irão a prova 83 charadistas, pertencentes a 6 Estados nossos e a Portugal, a saber: Chantecler, Nazilia C. dos Santos, Vigario de Wiekfield, Zizinha, Clara Déa, Angerona Angelica, Ave da Sorte, Cotovia, Dama Verde, Marquez de Castiglione, Neptuno, N. Zinho, Pedro Canetti, Roxane, Aventureira, Carlos Costa, D. Carvalho e Tulipa Negra, todos da Bahia; A Garota, Barão de Damerales, Conde Guy de Jarnac, Condessa Guy de Jarnac, Calpetus, Dapera, Diana, Erre-Céos, Etienne Dolet, Gavroche, Julião Riminot, Lakmé, Lago, Maloyo, Miravaldo, Neo Mudd, Nellius, Orlirio Gama, Paracelso, Rultra, Seneca, Sezenem II, Sylma, Tiberio, Themis, Zelira, Visconde de Adnim, João d'Oéste, Jubanidro, Mr. Trinquesse, Pompeu Junior, Arthano e Moranguinho, todos de S. Paulo; Bagulho, Jonas Fão, Jofralo, Jupiter, Matuto, Razalas, Euristo e Jamengal, todos de Portugal; Spartaco, Lyrio do Valle, Strelitz, Scott Mallory e Timoneiro, todos do Pará; Anjoro e Olivares, Frei Paulino, de Minas; Klingoros, Violeta, Roceirinha Nazarena, K. Nivete, Jovaniro e Alvasco, todos de Pernambuco; Soldado, Sertaneja, Pedro K. e Octa Cia, todos do Estado do Rio; Thalia, Nemus Nulus, Phebo, Saturno, Lyrio Branco e Rubião Junior, todos do B. C. G., Rio Grande do Sul, inscreveram-se tambem, mas não terão trabalho algum publicado, porque os remettidos chegaram muito atrazados, não entrando assim o Estado, a que elles pertencem, no calculo da média.

Juntando os trabalhos remettidos com os que restaram do 3º torneio, hoje findo, a pedido de alguns charadistas concurrentes, o numero de artigos, julgados bons pelo exame a que procedemos e destinados á 1 serie da Taça, eleva-se a 252, sendo 95 novissimas, 83 enigmas charadisticos, 46 charadas antigas, 17 logogryphos e 11 enigmas pittorescos. Ora, sendo 7 o numero das regiões concurrentes e 252 o dos trabalhos certos, segue-se que a media para cada região é de 36 trabalhos.

Bahia remetteu 75 artigos certos (13 novissimas, 45 enigmas charadisticos, 6 charadas antigas, 8 logogryphos e 3 enigmas pittorescos); S. Paulo, 66 (25, 19, 14, 4 e 4); Portugal, 25 (15, 1, 8, 1 e nenhum pittoresco; Pará, 23 (9, 7, 6 e 1 e nenhum pittoresco); Minas, 12 (9, 1, 2 e nenhum logogrypho e nenhum pittoresco); Pernambuco, 36 (9, 14, 10 e 2 e nenhum pittoresco); Estado do Rio, 16 (11 novissimas, 1 enigma charadistico, 4 pittorescos e nenhum das 2 outras especies.

Sendo assim, temos que entrar com trabalhos para completar a media attribuida a Portugal, com 13 para a do Pará, com 24 para a de Minas e com 20 para a do Estado do Rio.

Ao todo 68 trabalhos!!

Pensámos em juntar Minas, Pará e Estado do Rio em uma só chave para effeito do calculo da média de publicação; como, porém, não previmos esta hypothese, quando estabelecemos as regras para o torneio, não quizemos, por isso, tomar agora essa resolução. Mas fique bem gravado na memoria dos senhores concurrentes: nas futuras series, se se apresentar tal hypothese, tomaremos essa providencia, que não quizemos tomar agora.

A Taça "Maria Flôr", que esteve exposta na Casa Flora (filial), durante alguns dias, poderá ser vista de hoje em deante, numa das vitrines da Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166.

TORNEIO — B. C. G.

CHARADAS NOVISSIMAS 81 a 82

(A' gentil Rosadalva)

3—1—Um trocista *escarnece* da *sensação* de outro *trocista*.

Radio (Recife)

2—1—*Economise* seus haveres; *basta* que não lhe chamem *avaro*.

Roceirinha Nazarena (Nazareth)

3—2—Ficou *novo* e *claro* depois de *lavado ha pouco tempo*.

Rubião Junior (Do B. C. G. e A. C. L. B. — Rio Grande).

3—1—Quem *resolve* um mau negocio sem *pesar* não é *prudente*.

Thalia (Do B. C. G. — Rio Grande)

ENIGMAS CHARADISTICOS 85 e 86

Ebrio, como o meu total
José, por mim ao passar,
Deixa em prima, do que o fez
Em tal estado ficar.
Centro e final.

Zelira (B. dos Fidalgos — Santos)

No dia do carnaval,
Em casa de um amigo meu
— O Pafuncio Zebedeu —
Fim do centro mais final,
Ou mesmo centro invertido
Como o todo, bem entendido,
Sem a letra inicial,
Só dançavam com primeira
Mais centro sem derradeira,
Ou sem letra terminal
Ao contrario apreciados,
Dando o caso em charada,
Ao saberem, baseados,
Do terceiro namorada.
Mas, não tendo ella constancia,
Ficou elle *sem importancia*.

K. Nivete (Da A. C. L. B. — Recife).

CHARADAS ANTIGAS 87 a 89

Rebente sem pena—2
O *belga* pagão,
Ou mande-o á Lorena
Mas mate o *ladrão*.

Marechal

Observa quanto é medonho—3
o viver do Xavier.
o *amúo* da sua mulher—2
seu viver *torna tristonho*.

Jovanito (A. C. L. B. — Nazareth)

Vi uma *preta* no caes,—2
Discutindo com um rapaz,
Por causa de um perú morto.
O facto é que *no* xadrez—1
Foi terminar, de uma vez,
A *tal* encrenca do porto.

Von Protozoario (Bahia)

LOGOGRYPHO 90

Eu *passo além de* quem mente,—1—5—3—4—11
seja até por brincadeira:
pois *tortura* muito a gente—4—2—10—1—5
e nos *melindra*, confreira.—7—8—11—7—2

E qual *pessoa manhosa*—3—9—10—7—2
que, embora tendo *o* conforto,—6—9
vive afflicta, languorosa,
e tudo o que faz é *torto*.

Jovanito (Nazareth)

TORNEIO — T. E.

CHARADAS NOVISSIMAS 81 a 84

2—1—Se elle *"guerreia"* os demais, é, *unicamente*, por causa do *"tecido organico do casco do cavallo"*.

Roxane (Bahia)

3—1—*"Mulher"* linda *accusa* um physionomia *formosa*.

Royal de Beaureveres

2—1—O *"involucro exterior da semente"*, que *pona!* de agua ficou *cheio*.

Seneca (Do Bloco dos Fidalgos — Santos).

2—2—Ella *dá preferencia* a este *magnifico "berloque"*.

Thalia (Do B. C. G. — Rio Grande)

ENIGMAS CHARADISTICOS 85 e 86

Quando vim do meu total
Sem prima e duas, emfim,
De lá trouxe, alviçareiro,
Um todo sem a do fim:
Segunda após terminal,
Certo homem mui ordeiro
Vi-o bem vivo e não morto
Como dissera o Cordeiro.
O conceito não é serra,
Porém é u'a certa *"terra"*.

Lyrio do Valle (U. C. P. — Belém, Pará).

E' *"Cupido"* este total
E tem fim mais a primeira;
Pode ser mesmo central
Com a parte derradeira;
Se o todo o leitor não é,
Já o foi, affirmo até.

João da Roça (Nazareth)

CHARADAS ANTIGAS 87 a 89

Lá no *"Rio"* de Janeiro—2
Ha uma *"letra"* estrangeira,—1
Que se vence, fatalmente,
Mesmo no *"dia"* da feira.

Violeta (Recife)

(Ao Amigo Marechal)

O dono *comiçou* o motivo,—3
Com cuidado o dia inteiro;
Por que o barco lá no *"esteiro"*,—2
Navega e vai com... ninguem...
Por certo não ha perigo,
A corrente é estreita e rasa.
E o povo ficando em casa
Do ceu o *lucro*... não vem.

Etienne Dolet (B. dos Fidalgos — Santos).

(Ao Calpetus)
Queres ficar sadio como um pero?
Frita este *"peixe"* que espinhos não tem;—2
De certa *"planta"* o aroma faz tempero—2
E' *"aquillo que se come"*, e que faz bem.

Paracelso (B. dos F. — Santos)

LOGOGRYPHO 90

(Aos que me ajudaram a levar a cruz do 3° Torneio ao Calvario).

Não corra só, amigo, *vôe*,—3—7—1—4
Já que um horror tem a *"phantasma"*.—1—2—6—10
Procure, então o *"Sacramento"*,—10—9—6—4—1
Mas em hora que não tenha asthma
E não esteja co'a *"mulher"*.—8—9—2—5—7
Quando elle fôr muito bizarro
Fabricar do costume a louça,
Dá-lhe este *"pedaço de barro"*.
Livrar-te-á elle do phantasma,
Que assombra muita gente e pasma!

Marechal

TORNEIO — L. C. P.

CHARADAS NOVISSIMAS 81 a 83

1—2—Vamos, sr. Vigario, prohiba de entrar na igreja esse homem bebado e sujo.

Barbazul (L. C. P. — S. Paulo)

2—1—Esta haste que se offerece, representa uma estopada.

Condessa Guy de Jarnac (B. dos F. — Santos).

3—1—Contrato o animal, porém o preço não abato.

Zizinha (Bahia)

ENIGMAS CHARADISTICOS 84 e 85

Nunca se farta
De tercia e quarta
Esta primeira,
Duas, terceira,
Letra final
Da principal
E que é terceira
Mais derradeira
Duma menina
Bem pequenina
Que entra na dança
Desta esperança.

Mr. Trinquesse (L. C. P. — S. Paulo)

A prima é igual terceira
E a segunda igual final
E a final após primeira
E' o mesmo tal e qual
A segunda após terceira...
.. ..
Matem agora de marzinho
Um lindo e vulgar passarinho!

Moranguinho (São Paulo)

CHARADAS ANTIGAS 86 a 88

Não fira o teu inimigo—3
que bate com brandura.—1
Assim terás um amigo
sem picuinha e sem censura.

Anhangá

Esta folha de impressão,—2
Quando ao sol, quasi tostou!—1
Se tostasse, que perigo!
P'ra forca iria o hespanhol.
E' crime não ter desvelo
Co'este artigo de libello.

Marechal

Isto sempre foi um fructo,—2
Nunca foi interjeição,—1
Acabemos com a luta!
Que birra sem concisão!

Marechal

LOGOGRYPHO 89

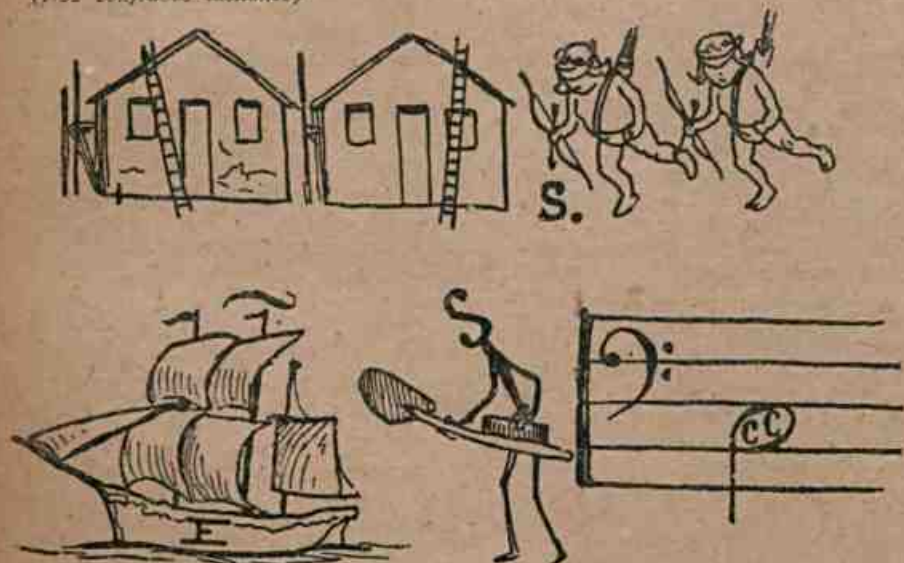
Na bella povoação—4—11—5—3—2—1
Pelo grypho quebra a lança—4—6—9—8—11—7
Oedipista Frei João.
E' minha grande vontade—4—1—5—11
Trazel-o para o outro lado,
Convencel-o de verdade
A deixar a idéa nova—8—9—10—11
Mas, o gajo não se vence,
Fala em tal diapasão,
Que até quasi me convence,
Pois tem labia o figurão.

Neptuno (A. B. C. — Bahia)

PRAZOS

Terminarão: a 13, 18, 24, 26 e 28 de Julho proximo, e 2 de Agosto seguinte. O primeiro prazo refere-se aos decifradores desta Capital e localidades proximas servidas por linhas ferreas ou via maritima: o segundo, aos dos outros pontos mais afastados de S. Paulo, Minas e Estado do Rio, e bem assim os do Paraná e Espirito Santo; o terceiro, aos da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; o quarto, aos de Sergipe, Alagôas e Pernambuco; o quinto, aos da Parahyba até o Piauhy e

ENIGMA PITTORESCO 90

(*Aos confrades lusitanos*)

Marechal

bem assim os de Matto Grosso; o sexto, aos restantes e aos de Portugal, sendo que de Sergipe para o Norte, bem como para essa ultima nação européa, as listas de soluções que forem postas no correio no dia da terminação dos prazos marcados mais acima, serão acceitas, sendo a nossa verificação feita pela data do carimbo postal.

As justificações relativas aos pontos recusados e toda outra reclamação referente ao presente numero, deverão vir dentro dos dois terços dos respectivos prazos.

BLOCO CHARADISTICO GAÚCHO

Nova directoria. Uma distincção

Nemus Nulcs, 1º secretario, communicou-nos em officio, n. 6, de 1 do corrente, que, em sessão de Assembléa Gerál, de 31 de Maio findo, foi eleita e empossada a seguinte Directoria, que dirigirá os destinos do Bloco no periodo de 1929 e 1930:

Presidente — Rubião Junior (reeleito); Vice-presidente — Claudius; 1º Secretario — Nemus Nulus (reeleito); 2º Dito — Thalia (reeleita); Thesoureiro — Phebo; Adjunto de Thesoureiro — Viblus; Bibliothecario — Valverde; Orador — Pseudonymo. Commissão auxiliar — Ed (reeleito), Apios, Leo.

Na mesma sessão, é *Nemus Nulcs* que ainda communica, o encarregado desta secção foi por elle mesmo proposto para socio honorario do B. C. G., proposta que foi acceita por unanimidade de votos dos socios presentes.

Marechal sente-se jubiloso por essa prova de attenção que lhe acaba de dispensar, gentilmente, o Bloco Charadistico Gaúcho, agradece tão generoso gesto por parte de *Nemus Nulus* e de toda Associação Gaúcha, e declara que são manifestações espontaneas dessa ordem e outras que se lhe assemelham que o decidem e o animam a promelham que o decidem e o animam a proseguir, sem treguas, na campanha pelo progresso do charadismo e pela confraternisação da familia charadistica, os dois mais altos objectivos pelos quaes se bate no momento.

DOIS ILLUSTRES CHARADISTAS QUE NOS VISITAM

Tivemos o grato prazer de receber a visita dos nossos illustres confrades *Etienne Dolet* e *Sotnas*, o primeiro — presidente do Bloco dos Fidalgos, o segundo — presidente da União Œdipica Riograndense.

Ambos, vivos e intelligentes, entretiveram-nos com uma prosa fina, que nos captivou extremamente pela delicadeza da linguagem, sempre agradavel e criteriosa.

Agradecidos pela distincção.

RETRATOS PUBLICADOS

No numero 1.394, de 1 do corrente, em uma das paginas internas fóra desta secção, foram publicadas 20 photographias de charadistas inscriptos neste Album, mas uma dellas sahiu incompleta: a relativa a Antonio Correia Raposo, ficha charadistica, n. 22, de Recife.

Esta local tem por fim declarar, que, logo depois das palavras — Antonio Correia Raposo —, deve ser lido: *K. Nivete*.

UMA FESTA CHARADISTICA

A 15 do corrente, realisou a Academia Charadistica Luso-Brasileira, em sua séde á rua da Universidade, n. 59, uma sessão extraordinaria com o fim de receber os dois illustres confrades *Etienne Dolet* e *Sotnas*, presidentes, successivamente, do Bloco dos Fidalgos e da União Œdipica Riograndense.

Aberta a sessão, Dr. Lavrud, seu digno presidente pronunciou umas palavras, explicando, com eloquencia, os motivos daquella solemnidade, acabando por offerecer aos illustres recipiendarios mimos que recordarão sempre a homenagem do dia.

Em seguida teve a palavra *Gondemaga*, vice-presidente, que em palavras repassadas de sinceridade, saudou em nome da Academia, os dois distinctos representantes do charadismo paulista e riograndense, ali presentes.

Seguiram-se com a palavra, além do encarregado desta secção, mais ignotus, Apollo e Almirante, sendo que este ultimo offereceu a Sotnas uma taça como preito de admiração dos charadistas petropolitanos pelas qualidades peregrinas do presidente da U. C. R. e da propria associação.

Após todos esses discursos, Etienne Dolet e Sotnas levantaram-se, um após outro, e, em palavras commovidas, agradeceram a homenagem, que acabavam de receber.

Sotnas entregou, nesta occasião, ao presidente Dr. Lavrud uma delicada mensagem, que lhe enviára a União Charadistica Riograndense, a qual foi lida immediatamente pelo 1º secretario, após o que, não havendo mais quem quizesse a palavra, a sessão foi levantada em meio de estrepitosas palmas.

A todas as pessoas presentes o Dr. Lavrud offereceu uma lauta mesa de doces.

Foi uma festa summamente significante e que agradou bastante aos que compareceram a ella.

BIBLIOTHECA DO ALBUM DE ŒDIPO

Recebemos os ns. 461, 462 e 463, de 16, 23 e 30 do mez findo, do semanario illustrado portuguez A. B. C. Agradecemos.

UM NOVO CHARADISTA QUE NASCEU

A. Militão Junior (Julião Riminot) e sua senhora D. Iracema Aguiar de Azevedo, participou-nos o nascimento de mais um futuro "Fidalgo", o seu filho *Edgard Roberto*, occorrido a 8 do corrente.

Muitos cumprimentos ao digno casal e que o pimpolho cresça e appareça e venha para a liça.

CORRESPONDENCIA

Thalia (Rio Grande) — A distincta collega está inscripta para a disputa da Taça, mas não terá trabalho algum publicado, porque os que remetteu excederam o prazo. Ficam para o torneio de Setembro e Outubro.

Carlos Costa (Bahia) — Que devemos fazer dos premios que enviou para ser entregue ao primeiro decifrador exacto do enigma a premio, publicado n'*O Malho*, 1385, de 30 de Março ultimo. Recebeu alguma solução?

Pompeu Junior (S. Paulo) — Scientes.

Lyrio do Valle (Belém) — E' pena que o Bloco Charadistico dos Estados do Norte (B. C. E. N.) não possa mais disputar a Taça, nem ter trabalhos publicados na 1ª serie da respectiva competição a realizar-se em Julho e Agosto proximo, pois o prazo para as devidas inscripções já se extinguiu. Esperámol-o, entretanto, na 2ª serie da mesma Taça que se deverá ferir em Março e Abril do anno proximo. Agora, o B. C. E. N. poderá mandar a lista das soluções dos trabalhos da 1ª serie, concorrendo, por essa forma aos outros premios offerecidos pela Redacção d'*O Malho*. O que não poderá, porém, é disputar a Taça, na serie acima referida.

K. Nivete (Recife) — Dissemos que adoptariamos o Francisco de Almeida, edição Pastor? Não temos idéa disto; mas é possivel que ainda se dê isto. E' questão de tempo, pois estamos aguardando abundancia desse vocabulario no commercio do Brasil, para então adoptal-o. Quanto ao

caso do retrato, se não chegar o que declaramos, hoje, mais atraz, tornaremos a publical-o.

ERRATA

Do n. 1.397:

Enigma de Julião Riminot: — estala e bluff — e não — estalada e buff — (14° e 15 versos" ; — ouvio-se — e não — ouvindo-se — (ultimo verso). Antiga, 7ª, de Violeta: accrescente-se 1 e 2, successivamente, no fim do segundo e quinto versos. Logogrypho, 80, de Pompeu Junior: os algarismos que estão no fim do 4° verso devem passar para o do terceiro; é — Brilha na gramma — e não o que sahiu, o que deve ser lido no começo do sexto verso; neste verso, o primeiro algarismo é 8. Novissima de Etienne Dolet o — *é* — deve desapparecer. Dita, de Ilbe: depois de — ás — leia-se — margens —. Novissima, de Pan: o artigo — o — que está antes de — *prejuizo* — não deve ser gryphado. Enigma, de Dama Verde. — *em que ha tristeza* — deve ser gryphado (ultimo verso). Antiga, de Von Protozoario. — *peça* — do primeiro verso e — *aventura* — do segundo devem ser gryphados.

Os outros, o leitor corrigirá.

LIGA CHARADISTICA PAULISTA

Communica-nos Jubanidro, seu vice-presidente, que a Liga Charadistica Paulista, transferiu a sua séde da rua do Hippodromo, 182, para a rua Marcos Arruda, 121.

MARECHAL

"CANTADORES E POETAS POPULARES"

Da Parahyba chega-nos agora um novo livro de folk-lore: *"Cantadores e Poetas Populares"*, do sr. F. Chagas Baptista, que o justifica com a excellente razão de que nos estudos da poetica popular, feitos por Gustavo Barroso, Leonardo Motta e Rodrigues de Carvalho, deixou de ser incluida a maior e melhor parte dos versos dos poetas populares do Nordeste, vivos, e já fallecidos.

Nesta anthologia figura, entre outros, Leonardo Gomes de Barros, de quem o colleccionador publica o retrato, dizendo-o o "maior poeta popular de seu tempo", e que viveu entre 1868 e 1918.

O sr. F. Chagas Baptista, representante na Parahyba da Sociedade Anonyma "O Malho", é de uma actividade incansavel, o que prova não só o livro de agora, muito trabalhoso de organização, como outros que tem publicado. Exercendo a sua actividade mercantil, sobra-lhe tempo para o luzimento do espirito pelo estudo do nosso folk-lore, que já tanto lhe devia e que, com o seu ultimo livro, o integra definitivamente entre os seus mais legitimos cultores.

FETICHISMO...

Guardo, Celeste, a tua loira trança,
Que talhaste outro dia sem piedade;
Nella se absorveu minha esperança
E teus ares de amor e santidade.

O teu olhar de angelica bonança
Perdeu a graça antiga; a fatuidade
Transformou-o de vez: agora lança
Um brilho de vulgar banalidade...

Foste escutar as modas de Paris,
Pensando que terias mais encanto,
Julgando que serias mais feliz...

Perdidas as bellezas ideaes,
Jeremias de então, saudoso eu canto
Nessa trança, o que foste... e não és [mais.

FERDINANDO MARTINO FILHO

— *Os negocios estão parados, meu filho.*
— *Papae, por que não arranja um negocio ambulante?*

Ladrões supersticiosos

O Oswaldo Silva só furta talheres...

O Oswaldo Silva é um mulatinho pernostico de cabellos "arame farpado" e com um dente de ouro bem á frente da bocca. Devido ao que leu, jurou ás crenças que o orientam no seu destino que só furtaria talheres... E o faz menos pela especialidade do que, propriamente, pela superstição que o empolga. Invadindo, pela calada da noite, residencias ricas, ao invez de orientar os seus passos para os gabinetes ou para os *boudoirs* onde ha cofres e joias, se encaminha para a sala de jantar, na ansia de encontrar talheres. A sua ultima façanha, fracassada, aliás, foi numa casa rica do Andarahy. Pulando a janella elle cahiu num lindo quarto. Logo aos pri-

OSWALDO SILVA

meiros passos a senhora que ali dormia, presentiu-o. E, sob o temor de uma aggressão, deixou-se ficar quieta, fingindo que dormia... Com grande espanto seu reparou que o meliante não se deteve ali, passando, indifferente, junto ao toilette sobre cujos marmores ella deixara as joias com que passeara aquella noite. Aberta e fechada, em seguida, a porta que dava para o interior da casa, a senhora, apavorada, sentiu os passos abafados do estranho visitante sumirem-se. Quiz gritar, mas o medo impediu-a.

Por azar o esposo tardava. Vinte minutos decorreram para ella, terriveis, cheios de ansias e desespero.

Finalmente o marido chegou. Contou-lhe tudo e o esposo, uma "Mauser" na mão, foi correr a casa. Ao accender a luz da cozinha, surprehendeu o larapio com um embrulho sob o braço esquerdo. Intimou-o a render-se. O larapio não reagiu. Preso, o cavalheiro levou-o á delegacia. Ahi intrigada, a senhora perguntou-lhe:

— O sr. passou pelo quarto e nem viu as joias sobre o toilette!...

Elle olhou de soslaio para o commissario e respondeu:

— Não vi não, mesmo que visse não me adiantava...

— Como?

— Sim, eu só me "interesso" com talheres...

Nesse mesmo dia a policia apprehendeu em sua casa um verdadeiro arsenal de... talheres...

INVESTIGADOR FONSECA

A LITERATURA EM FUNCÇÃO DA HYGIENE

"Senhora Pernilongo" é um conto com que o sr. Thales de Andrade entendeu cooperar na Propaganda contra a Febre Amarella. Tem, assim, antes de qualquer outra, a virtude de uma finalidade altamente sympathica, por seu caracter patriotico e humano.

A literatura, como a comprehende o espirito moderno, não apresenta mesmo funcção mais apreciavel. Da sua applicação intelligente em favor das realidades da vida depende sem duvida a sua propria conservação. Já se foi o tempo em que lhe corria apenas a obrigação de agradar. Hoje tem sobre este o dever de ser util. Poderiamos talvez até resumir neste ultimo termo o seu conceito, porque afinal de contas o deleite ahi não passará em ultima analyse de um meio para se chegar ao seu verdadeiro fim. E este, no trabalho em apreço, foi amplamente alcançado com a conquista dos leitores a quem as actualidades artisticas que o mesmo apresenta seduzem e dominam inteiramente.

As fantasias literarias perdem-se quasi sempre por falta de rumos certos e difinidos nas cogitações de seu autor.

Não aconteceu, porém, assim com a do intelligente paulista que lá de Piracicaba mandou á guisa de distracção para os exquisitos, suggestões, conselhos e ensinamentos de grande alcance social. Deve ser medico o sr. Thales. Mas, si não o fôr, de uma cousa podemos ter certeza a seu *respeito*: é da sua capacidade de literato.

O seu conto, ou que outro nome tenha é um trabalho perfeito, no genero.

Si igual intelligencia, ou mesmo "savoir faire", inspirasse a campanha nacional, sem duvida que seria o caso de contar por certa a sua victoria sobre as hostes malsães do "stegomia", que tanto compromettem a vida das nossas cidades e actividades dos nossos campos.

"O BRAÇO DIREITO DA LEI"

Todos os importadores têm stock sortido para satisfazer os interessados

Colt's Patent Fire Arms MFG., Co.,
HARTFORD, CONN., E. U. A.

QUEM FUMA?

Fumar é perder tudo: saude, tempo e dinheiro.

TABAGIL

(Puramente vegetal)

Cura o vicio de fumar em 3 dias! Cada tubo 10$ e pelo correio 12$. A' venda nas Drogarias e no depositario: EDUARDO SUCENA.

RUA S. JOSE', 23

MEDICINA POPULAR BRASILEIRA

Brasil — Rio de Janeiro

Leiam *Cinearte*, a mais completa revista cinematographica.

PILULAS

(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)

Empregadas com successo nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Estas pilulas além de tonicas, são indicadas nas dyspepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularisador das funcções gastro-intestinaes.

A' venda em todas as pharmacias. Depositarios: J. FONSECA & IRMÃO. — Rua Acre, 38 — Vidro 2$500, pelo correio 3$000 — Rio de Janeiro.

Auxiliar a "Sociedade de Assistencia aos Lazaros e Defeza contra a Lepra" é um dever de patriotismo.

A MODA EM PARIS

1 — Vestido de toile de seda branca com pintas azues, a pala da saia, recortada em bicos, vem terminar em duas pontas incrustadas na bluza. Os viezes que guarnecem o decote e as cavas são da mesma seda azul da pala. 2 — Vestido de shantung rosa claro arroxeado, com um grande desenho decorativo bordado na bluza com seda brilhante do mesmo tom do vestido. 3 — Saia e bretelles de crêpe da China azul escuro, a bluza do mesmo tecido citroen bordada com ponto de cruz com seda azul escuro. 4 — Vestido de linon amarello claro bordado com linha branca. A saia é presa num corpo sem mangas guarnecido com pregas. 5 — Vestido de tussor vermelho, guarnecido com o mesmo tecido branco.

PEQUENAS NOTICIAS SOBRE A MODA

Os effeitos de tunica voltam-nos. As bluzas longas collocadas sobre um "fourreau" liso, mas ás vezes tambem terminado por um babado ondulante, permittem arranjos encantadores. Quando a tunica é "en-forme", guarnecida com pregas ou franzidos, o "fourreau" tem que ser completamente liso. A tunica sendo em linha recta, o "fourreau" será irregular. O effeito de maior novidade é de alongamento da tunica além da barra da saia.

— A moda do preto affirma-se todos os dias: toda mulher que quer ser chic tem que ter, pelo menos, dois vestidos pretos, um para o dia e outro para a noite. As associações do preto e branco continuam a ser empregadas, mas as côres vivas, o vermelho em particular, dão uma nota alegre a esses vestidos. Como obter esses contrastes? Por uma "echarpe", um cinto, por collares e pulseiras, bolsas, leques, sapatos, emfim por todos esses pequenos accessorios com que gostamos de nos rodear.

— Todos os generos de pregas convêm aos vestidos primaveris, mas é necessario empregar tecidos de boa qualidade, para que as pregas resistam a todos os amassados. A reunião de pregas cosidas e de pregas duplas sobre um mesmo modelo são cousas correntes. Trabalhar um corpinho com nervures e incrustar sob a pala da saia uma frente pregueada; grupar nervures num movimento de bolero, formar

A MODA PARA O BANHO DE MAR

1 — Roupa de banho de jersey de lã beige, guarnecida com tiras do mesmo tecido vermelho, os peixes são bordados com lã vermelha. 2 — Costume de tricot de lã branca, as calcinhas e as applicações da bluza de tricot verde brilhante. 3 — Roupa de banho de taffetás preto com tiras applicadas verde e côr de laranja. 4 — Costume de banho, composto de tres peças de gabardine de lã branca, festonadas com lã amarella, as bolinhas tambem são bordadas com a mesma lã. 5 — Costume de banho muito moderno, maillot de tricot de lã amarello claro, a guarnição da golla e a saia de tricot de lã azul escuro. 6 — Roupa de banho de jersey de lã preta, guarnecida com tiras vermelhas e azues. Capa de crêpon beige com tiras vermelhas e azues como guarnição.

a frente da saia com uma série de pregas cosidas e os lados com pregas soltas, são pequenos detalhes que têm, no entanto, grande importancia.

— Combinar as joias com os vestidos que ellas completam, é hoje a preoccupação de toda mulher chic. Por essa razão as joias de fantazia estão cada vez mais na moda. Collares e pulseiras compostos por correntes, "cabochons" de "strass" ou de crystaes de todas as côres, brilhantes ou baças. Serpentes, tersaes de metal ou de contas rodeam os pulsos, pescoço e o tornozello. Sobre o chapéo uma fivella brilha sobre o fundo escuro. No hombro ou na cintura a fivella ou o broche de pedrarias ou de metal trabalhado, substitue a flôr da qual tanto se abusou. — M. K.

PARA QUE VIVER!

Você menino, foi um tôlo em ter nascido... Por que não ficou lá pelo Paraiso? Tão bello e gorduchinho, com esses olhos velhacos, a boquinha aberta, como que admirado dos que te cercam, bocca que parece pedir beijinhos... Não via você, meu tolinhõ, que este mundo é um valle de lagrimas e soffrimentos? Para que crescer? Por que? Crescer é ficar feio? Envelhecer e finalmente morrer? Você, menino, foi um tôlo em ter nascido... Devia ficar lá no Paraiso, cercado dos teus amiguinhos, os anjinhos que são da Côrte de Nossa Senhora.

Pelotas — *João Netto*.

209

LICENÇA N, 511 DE 26 — 3 — 906

Com optimos resultados

O sr. capitão Luiz José de Siqueira, abastado negociante, diz:

"Estação do Cerrito, 9 de Junho de 1917. — Sr. pharmaceutico Eduardo C. Siqueira — Pelotas.

A bem da humanidade soffredora, a quem busco prestar um serviço, tenho o grato prazer de communicar-vos, para que publiqueis, que fiz uso com optimos resultados do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, no tratamento de bronchite asthmatica de que fui curado.

Aconselhando a diversas pessôas o uso do mesmo remedio miraculoso, não só para combater a bronchite como a influenza, tendo tido prazer de apreciar os brilhantes resultados obtidos. O medico dr. José Domingos Boeira, por sua vez, em sua clinica, tem tratado muitos enfermos das vias respiratorias com o abençoado PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE, remedio efficaz e muito procurado tem sido em minha casa de negocio onde sempre costumo tel-o, porque seu uso tem sido infallivel. Assim, pois, congratulando-me comvosco pelos brilhantes resultados obtidos com o uso do PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE de justa nomeada e bem merecida confiança, subscrevo-me.

De v. s. atte. e obr. — Luiz José de Siqueira.

Confirmo este attestado. Dr. E. L. Ferreira de Araujo. (Firma reconhecida).

O PEITORAL DE ANGICO PELOTENSE vende-se em todas as pharmacias e drogarias de todos os Estados do Brasil. Deposito geral, Drogaria Eduardo C. Siqueira — Pelotas.

Assaduras sob os seios, nas dobras de gordura na pelle do ventre, rachas entre os dedos dos pés, eczemas infantis, etc., saram em tres tempos com o uso do Pó Pelotense. (Lic. 54 de 16—2—918). Caixa 2.000 rs. na Drogaria PACHECO, 43-47, Rua Andradas — Rio. E' bom e barato. Leia a bulla. Formula de medico.

A MAIOR parte do trabalho diario é feita antes do meio dia. Por isso, os medicos e os educadores insistem na necessidade de uma alimentação saudavel logo pela manhã.

QUAKER OATS compõe-se, por natureza propria, dos elementos essenciaes á perfeita nutrição. 65% de carbohydratos, que produzem energia organica; 16% de proteina, que fórma o systema muscular. Além disso, contém oito elementos mineraes e vitaminas em abundancia, razão por que Quaker Oats é considerado o alimento que mais concorre para o desenvolvimento e equilibrio organicos. Sirva-se de Quaker Oats logo pela manhã.

Quaker Oats é um alimento scientifico, muito agradavel ao paladar, indispensavel á creança, ao estudante, ao negociante, á dona de casa, emfim, a todas as pessoas que têm affazeres logo pelha manhã.

Exija a lata Quaker. Verifique a marca e a conhecida figura do Quaker, adquirindo assim a certeza de obter genuino Quaker Oats.

Quaker Oats

5064

CAIXA DO "O MALHO"

DE SANTA HELENA (Rio) — O soneto: "Ri, palhaço" tem alguns versos defeituosos que o poeta poderá corrigir, querendo: Eil-os:

"A platéa te acclama impetuosa,"

"Que dilacera a tua alma tristonha."

"Ri, ri para alegrar a multidão."

O primeiro está frouxo; o segundo não tem as tonicas nos logares e o terceiro tem uma irri... tante repetição do verbo, sem necessidade.

AR (?) — Embora um tanto longo, será publicado seu trabalho... num dia de falta de materia, o que, aliás, raramente acontece. Mande, no mesmo genero, cousas menos prolixas. Você tem geito.

OSCAR QUEIROZ — Seu trabalho está bem feito. E' pena que o 6º verso tenha uma grave falta de concordancia. Quer vêr?

"Por Deus de Quem *os bons* o amparo [*gosa*."

Sem sua licença eu substitui "os bons" por: "o crente". Não acha que deu na mesma? E tem a vantagem de estar certo. Como vê, eu sou camarada, não é? Sou pae, como você, de tres garotas... E' por isso.

ELIACIM BORGES (Bahia) — As condições para sua collaboração ser acceita são simples: basta que esteja nos moldes da nossa revista, ser bem escripta e interessante.

O trabalho que mandou está infantil, tendo um verso detestavel:

"Onde eu vivi na mocidade minha."

Ora, isso dá idéa de que o poeta já não é mais muito moço. Entretanto, diz mais adeante:

"Eu nasci nesta casa e ha de ser nella
Onde eu hei de brincar sempre á [tardinha,
E hei de amal-a sempre e fazer della
Dentre todas as casas — a rainha!"

Pois ainda quer brincar depois de velho?

Ainda *desafina* nos tercetos, dizendo:

"E quando a morte traiçoeira um dia
Tiver de me levar á campa fria—
Se *quereis dar-me* tudo quanto espero—

Na hora *d'eu* descer á sepultura...
Oh! meu Deus! dae-me, ao menos, a [ventura
De morrer neste lar que eu tanto [quero."

Deante disso o amigo Borges verá que, por maior que seja minha boa vontade, sua collaboração não preenche as condições de que fala na sua carta e ás quaes me refiro anteriormente.

Não desanime, porém. Procure estudar mais um pouco, porque demonstra possuir algumas qualidades apreciaveis.

HENRIQUE MAIA (São Paulo) — Seu pensamento "orographico" será publicado.

MANOEL GREGORIO (Villa Militar — Os themas dos seus trabalhos já são muito "batidos"; apezar disso serão publicados.

JOÃO NETTO (Pelotas) — Muito interessante seu trabalho. Mande mais naquelle genero, que serão todos recebidos com agrado. Aguarde publicação.

EULOJE YGONE (São Paulo) — Seus versos têm uma feição tão antiga, tão fóra da moda que, aos lel-os, parecia estar ouvindo um piano do suburbio martellando a celebre "Dalila" e um poeta, a 1830, de sebenta cabelleira, olhos em alvo e mão no peito, declamando:

"Oh! mar mysterioso!
Quem póde *sondar-te?*
E lêr os segredos
Que escondes com arte?"

E semelhantes a esta mais uma duzia de quadrinhas acabando assim:

"Venturas ou maguas?
Quem póde avaliar?
Quem póde entender
Segredos do mar?

E' difficil, mesmo; e ainda mais difficil comprehender por que razão o poeta Ygone se lembrou de perguntar tal cousa.

FERDINANDO M. FILHO (São Paulo) — Já agradeci a dedicatoria do soneto. Quanto ao "Fetichismo", queria você que a moça não acompanhasse a moda? Ficasse ahi, com cara de caipirinha, trazendo uma trança comprida de cabellos louros? Deve se julgar até feliz por não ter ella cortado mais nada... como por exemplo: mais um palmo do vestido acima dos joelhos... E' a moda, meu caro.

PAULO DE MARIALVA (São Paulo) — Grato pelas suas expressões gentis para commigo. Infelizmente os dois trabalhos agora enviados estão fraquissimos.

Basta citar o primeiro quarteto da "Torre de Babel" para vêr a confusão das rimas com palavras com a mesma sonancia no meio dos versos, o que é de muito gosto:

"Cuidou a Humanidade que ergueria
Torre elevada aos paramos divinos:
E curiosa, á *porfia, dia a dia,*
Por erguel-a *fazia,* em desatinos."

Tem ainda uns horriveis "infindos pinos" e uns "éstos de plethora" de arrepiar.

No outro soneto ha uma "angustia mesta" que, além de sôar desagradavelmente, não se comprehende que haja tambem "angustia alacre, feliz", etc.

O nobre "De Marialva" tem feito cousas muito melhores, por que se lembrou de uma "Torre de Babel" tão confusa e de umas "Vicissitudes" que tanto lhe desabonam os creditos poeticos?

AVIO BRASIL (Bahia) — A questão de collocação dos trabalhos não é commigo; é com o companheiro paginador que vae agindo de accordo com as necessidades do momento que regulam os espaços a encher para "fechar a pagina". Entendeu o amigo? São "questões technicas e profissionaes", como dizem os entendidos.

A "Insomnia" será publicada e vou pedir que o seja em logar bem vistoso. Está contente, assim?

Dê-me noticias do Euzinio.

ROCHINHA (São Paulo) — Você tem razão de se queixar da sorte, porque ella não protege quem faz versos como os seus. Então você acha pouco o que pede? Uma pequena que naturalmente deve ser mais bonita do que seu soneto (?) e a benção dos céos por cima?

Si receia ficar louco por não haver "breve mudança", eu lhe indico uma empreza de alugar "andorinhas" que fazem qualquer mudança por preço razoavel.

Só lhe peço é que se mude para bem longe, para os confins de Matto-Grosso, por exemplo, onde não vá o correio, para que você, meu infeliz Rochinha, não me mande mais sonetos como este, intitulado "Minha ambição":

"Amo-a muito, meu Deus...
Fazel-a feliz, é o meu desejo.
Com ella e a benção dos céos,
E' a unica cousa que almejo.

Sei que sou bom, e no entanto
Não sei porque razão, que Deus
Me faz soffrer tanto, tanto,
Não realizando os sonhos meus.

Sou um naufrago sem braços,
Nesta vida sem esperanças
Tudo p'ra mim, é um fracasso.

O que eu quero é tão pouco.
E se não houver breve mudança
Seguramente eu ficarei louco."

Hô! P'ra longe! Sáe, azar!

CABUHY PITANGA JR.

"O MALHO" NOS ESTADOS

1) Bahia — Remador Amilcar Carvalho, do Sport C. Itapagipe, vencedor do pareo de honra.

2) Bahia — Grupo de senhorinhas a bordo do vapor S. C. "Victoria". 3) — Gabinete do director da Succursal da Agencia Americana, vendo-se o Sr. Alcides Soares, director interino, e parte dos riquissimos moveis de jacarandá, estylo colonial, de propriedade do Dr. Carlos Spinola, director-effectivo da Agencia Americana.

4) Bahia — Guarnição do S. C. Victoria, vencedora do 1º e 4º parcos. 5) Guarnição do S. C. Santa Cruz, vencedora em primeiro logar do 6º pareo. 6) A bordo do vapor do S. C. Santa Cruz.

Toda hora de doença é um tempo perdido para o prazer da vida

Os "Incommodos de Senhoras" em sua volta periodica, todos os mezes, representam para o sexo feminino

a hora certa do soffrimento.

As Senhoras sabem de antemão que seus males têm data fixa para se manifestarem e pódem fazer a conta previa das horas que perdem para o prazer da vida. E pois, para uma Senhora, um acto de defeza a favor da alegria de viver guardar sempre presente na lembrança que

"A SAUDE DA MULHER"

— sendo o melhor remedio conhecido para os Incommodos de Senhoras, taes como Suspensões, Colicas Uterinas, Rheumatismos, Arthritismo, Flôres Brancas — assegura o prazer da vida, que só pode ser perfeito quando existe perfeita saude.

Officinas Graphicas d'O MALHO